



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SILVA

**ESTUDANTE, TRABALHADORA, MÃE:
Trajetórias de vida-formação-profissão de mulheres universitárias**

**AMARGOSA - BAHIA
2019**

ANA CLAUDIA OLIVEIRA SILVA

**ESTUDANTE, TRABALHADORA, MÃE:
Trajetórias de vida-formação-profissão de mulheres universitárias**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Mariana Martins de Meireles

**AMARGOSA – BAHIA
2019**

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SILVA

**ESTUDANTE, TRABALHADORA, MÃE:
Trajetórias de vida-formação-profissão de mulheres universitárias**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Mariana Martins de Meireles

Mariana Martins de Meireles - Orientadora

Doutora em Educação e Contemporaneidade - UNEB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Erica Bastos da Silva

Erica Bastos da Silva - Examinador 01

Doutora em Educação - UFBA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Maria Eurácia B. de Andrade

Maria Eurácia Barreto de Andrade – Examinador 02

Doutora em Educação - Universidad Americana
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Dedico este trabalho primeiramente a *Deus*, bem como familiares, especialmente ao meu filho, *Benny* e ao meu esposo *Wilfredo*, e aos amigos/as que me acompanharam nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Deus*, sem Ele não teria forças para chegar até aqui.

À minha professora *Neuza*, que foi minha inspiração para essa profissão (in memoriam).

À minha professora *Débora Feitosa* que me ensinou que era para além de um sonho, há um direito.

Ao meu esposo *Wilfredo* que me apoiou o tempo inteiro, juntamente com meus filhos.

E à minha professora orientadora *Mariana Martins Meireles* meu muito obrigada.

Em primeiro lugar as mulheres recusam o anonimato das generalizações. Recusam abrigar-se num sujeito indeterminado onde a sua vida real, concreta, feita de carne e de sangue, de espírito e de inteligência íntima das coisas, seria sufocada e reduzida às dimensões sem relevo do que é indefinido. Recusam ser um número nas estatísticas, um sujeito insípido do direito, uma mera demonstração de qualquer teoria. Elas querem dizer a sua vida. Tal como ela é. A palavra das mulheres diz-se no singular (PINTASSILGO, 1981).

SILVA. Ana Claudia Oliveira. **Estudante, Trabalhadora, Mãe: Trajetórias de vida-formação-profissão de mulheres universitárias.** Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2019, p.56.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como finalidade de conhecer a trajetória de mães, mulheres e trabalhadoras no espaço acadêmico, buscando assim, discutir as dificuldades e dilemas encontrados para finalizar o curso universitário. Para isso, tem-se as seguintes questões-problema: *Quais os dilemas encontrados pelas mães, trabalhadoras e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia? De que maneira estas mulheres conseguem conciliar a múltiplas jornadas no período da universidade?* Para embasar essas questões utilizamos os seguintes referenciais teóricos e metodológicos: Aragão e Kreutz (2019), Carreira (2001), Catroga (2001), Costa (2001), Meireles (2000), Locks (2016), Josso (2006), Nóvoa (1993), Goldenberg (1997) e Minayo (2001). No âmbito da metodologia, o estudo fundamenta-se trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho (auto)biográfica, tendo como instrumento de recolha de dados memoriais (auto)biográficos de cinco estudantes do curso de Pedagogia. De certo modo, para a construção deste trabalho buscamos compreender e relacionar elementos da vida-profissão das mulheres-narradoras com o processo de formação acadêmica através do dispositivo reflexivo e formativo chamado memorial. Em suma, a pesquisa revelou as trajetórias sinuosas vivenciadas quatro mulheres, com ênfase nos dilemas e dificuldades experienciadas por elas durante o processo de formação universitária. Especificamente por terem que conciliar a *múltiplas jornadas* de: *estudante, trabalhadora e mãe.*

Palavras-chave: Trajetórias de vida-formação; Mulheres Universitárias, Narrativas.

SILVA. Ana Claudia Oliveira. **Student, Worker, Mother: Life-training-profession trajectories of university women. Monography (Graduation in Pedagogy)** -Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2019, p. 56.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC), has objective to reflect about the trajectory of mothers, women and workers in academic space. In this way, to discuss the difficulties and dilemmas encountered to finish the university course. For that, the following questions are problematic: What are the dilemmas encountered by mothers, women and workers at the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-CFP? Are there student stay programs at the University? How can women, mothers and workers manage to reconcile the triple journey during the university period? To base these questions we use the following theoretical references to incorporate the studies: Aragão e Kreutz (2019), Brasil. (2019), Carreira (2001), Catroga (2001), Costa (2001), Meireles (2000), Locks (2016), Josso (2006), Nóvoa (1993), Goldenberg (1997) e Minayo (2001). Thus, the data leveraged in this research was carried out through autobiographical memorials, aiming at qualitative research. For, through the method employed, we will achieve greater contact with the objects of study, thus being able to simultaneously use a historical analysis of the narratives as well as to undertake a sociological reflection on the cases addressed. Concomitant to this, we seek to relate the life-professional of these narrators with the process of academic formation to consider the reflexive-formative devices. Therefore, we use the narratives of this research, allied to the theoretical conceptions that discuss the theme of the research, such as studies about memories and trajectories involved socioeducative stories of lives in formation. In sum, the research clarifies the paths taken by mothers, women, workers who entered at the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-CFP, needing to reconcile the triple journey and still consider the academic pluralities existing in our contemporary society.

Keywords: Trajectories, narrations, university, academic formation.

SUMÁRIO

O SONHO DE ANA: uma história para iniciar esta história.....	10
INTRODUÇÃO.....	19
1.PERCURSOS METODOLÓGICOS	26
1.1 Pesquisa qualitativa	26
1.2 Pesquisa (auto)biográfica: algumas considerações.....	27
1.3 Fonte de recolhimento de dados: os memoriais (auto)biográficos	29
1.4 Sujeitos da Pesquisa.....	32
2 .HISTÓRIAS INDIVIDUAIS, TRAJETORIAS COLETIVAS: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DAS CINCO MULHERES.	33
2.1 Maria.....	34
2.2 Antônia	39
2.3 Ester	45
2.4 Joana.....	45
2.5 Rute.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS.....	56

O SONHO DE ANA: uma história para iniciar esta história

Era uma vez, uma menina chamada Ana, que gostava de ler desde muito pequena, pois, aprendeu com sua mainha, a Dona Neide, que estudou até o 4º ano. Ana aprendeu com ela o alfabeto, depois as sílabas soletradas. Muitas vezes, Dona Neide ficava nervosa quando Ana soletrava e quando Ana dava a resposta das sílabas soletradas, por exemplo: bu-le = bule e Ana respondia: “cafezeira” ou Ca-ra-col = caracol e Ana respondia “caracolos”. Dona Neide vivia dizendo “esta menina é muito rude”. Mas, Dona Neide, apesar de trabalhar duro na roça, toda noite, sentava, pegava a cartilha e começava a ensinar seus filhos.

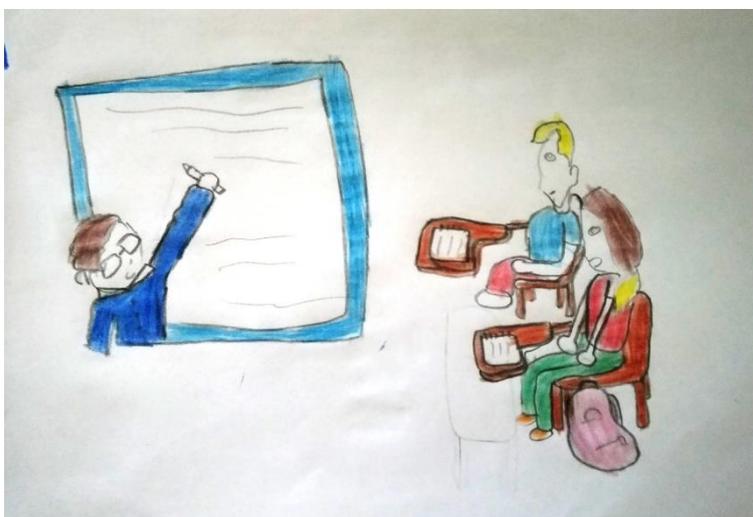


Quando Ana completou 5 anos, Dona Neide a matriculou na Escola Dr. Vasco de Azevedo Filho. Ana ficou maravilhada com a escola! Uma semana depois, a professora chamou Dona Neide na escola e foi só elogios: “sua filha já é alfabetizada! E lê muito bem sem soletrar!” A partir de hoje, ela sairá do primeiro ano A e irá para o primeiro ano B. Dona Neide saiu da escola muito feliz com a notícia e realizada como mãe-professora. Ana foi muito feliz para o primeiro ano B e a professora Neuza, a cada dia, se surpreendia com o avanço dela em todas as matérias. A professora Neuza foi sendo alocada em todas as séries; até o quarto ano foi a mesma

professora e Ana não “perdeu” nenhum ano. Sempre responsável, Ana dizia a professora Neuza que seria igual a ela quando crescesse.



Os anos se passaram e Ana chegou ao segundo grau, na cidade de Camamu. Na cidade, Ana escolheu cursar o Magistério. Seu sonho estava prestes a se realizar! O tempo passou bem rápido e Ana não via a hora de chegar os meses do estágio. Sua experiência em sala de aula estava muito perto de chegar! Quando o grande dia chegou foi só felicidade! Foram três meses de muito prazer e realização. Seus alunos eram maravilhosos e a professora Neuza que ela tanto admirava agora era ela. A festa de encerramento do estágio foi muito linda. Ana recebeu seu nome de várias formas: em letras de forma, de gesso, em fitas de cetim (mimo da moda na época). Faltou mãos para segurar tantos presentes!



O grande dia da formatura chegou, mas Ana não tinha condições de participar da festa, pois sua mãe era sozinha para “criar” 4 filhos. Dona Neide fez questão de comprar pelo menos o anel, símbolo que Ana ficaria de lembrança para toda a vida! Sua mãe dividiu em cinco vezes sem juros e no dia da formatura fez uma linda surpresa na hora da colação de grau. Ana e sua mãe choravam de muita alegria e felicidade afinal seu sonho de ser professora havia se realizado!



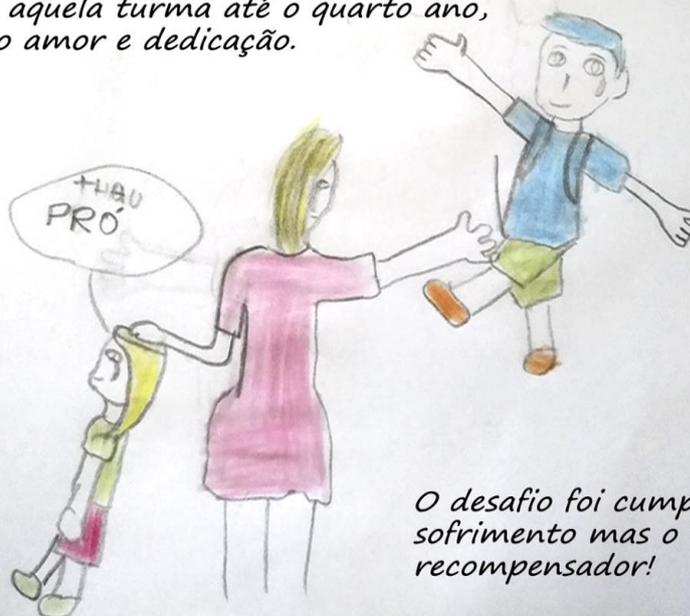
Em 1992, surge uma vaga em uma escola em Salvador. Sabendo que Ana havia se formado em Magistério, sua prima que morava lá a convidou para morar e trabalhar. Ana disse que iria para desespero de sua mainha. A Dona Neide ficou muito triste mas entendeu, afinal era o sonho de Ana. Em abril de 1992, Ana chega para trabalhar na escola. As aulas já haviam começado há um mês. Como a turma era grande, outra professora colega de Ana dividiu as turmas, ficando 27 alunos com ela e 26 alunos para Ana. Ao ver as crianças, Ana se apaixonou à primeira vista!



Na primeira semana, Ana já sentia a diferença entre os alunos do estágio da escola que ela foi aluna e aquelas crianças da escola em Salvador. O que mais chamou sua atenção foi o número de meninos (20) em detrimento das meninas (6). Ana não entendeu a princípio essa diferença, mas, duas semanas depois, ela descobre que a sua colega professora ficou com os alunos mais quietinhos. A outra professora estava com um mês de frente convivendo com os alunos, tempo suficiente para conhecê-los. Ainda assim, Ana não desistiu e encarou o desafio.



Ana só conseguia passar os conteúdos compondo canções para atrair a atenção das crianças que não se concentravam. Como a professora Neuza de Camamu, Ana levou aquela turma até o quarto ano, com muito amor e dedicação.



O desafio foi cumprido com muito sofrimento mas o resultado foi recompensador!

No ano de 1993, a professora Ana engravidou. Foi um ano difícil mas ela nunca desistiu de seus alunos.

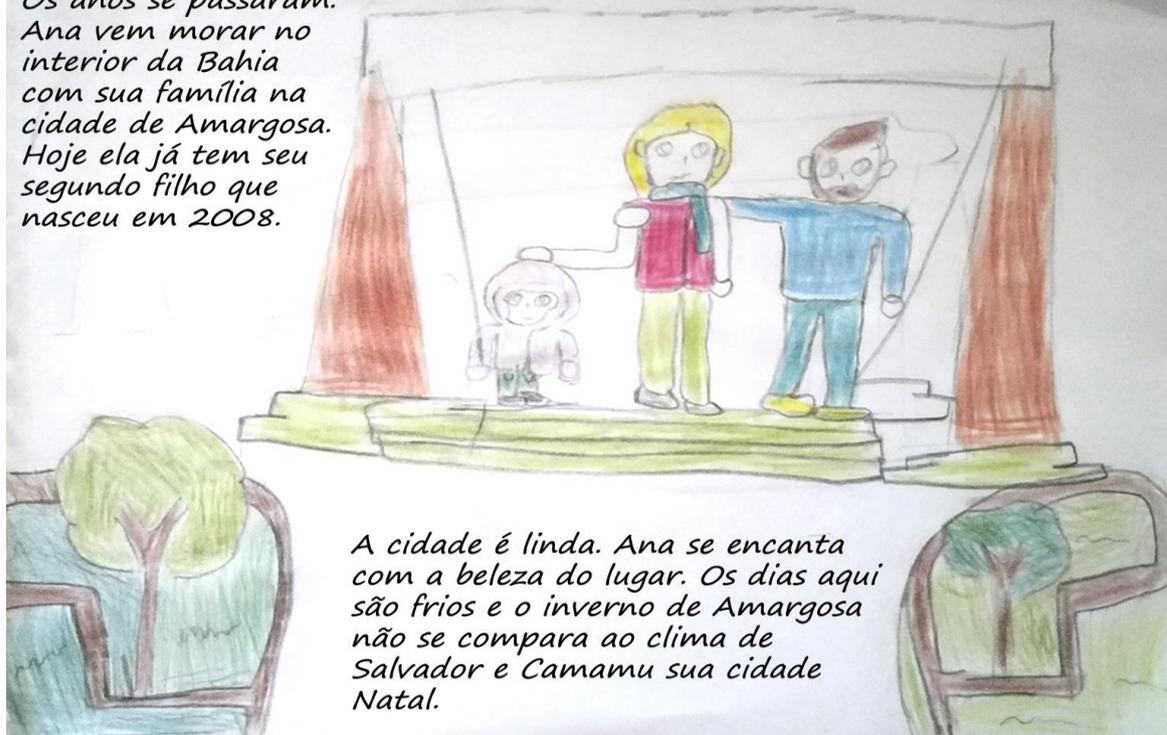
Em 1996, Ana não pode mais lecionar pois uma lei foi assinada e Ana não tinha o nível superior em Pedagogia.

Assim, ela foi trabalhar no comércio de Salvador e nunca mais retornou a uma sala de aula.



No ano de 2002, Ana perde sua mãe, a Dona Neide. Isso foi um verdadeiro choque na vida de Ana e sua família.

Os anos se passaram. Ana vem morar no interior da Bahia com sua família na cidade de Amargosa. Hoje ela já tem seu segundo filho que nasceu em 2008.



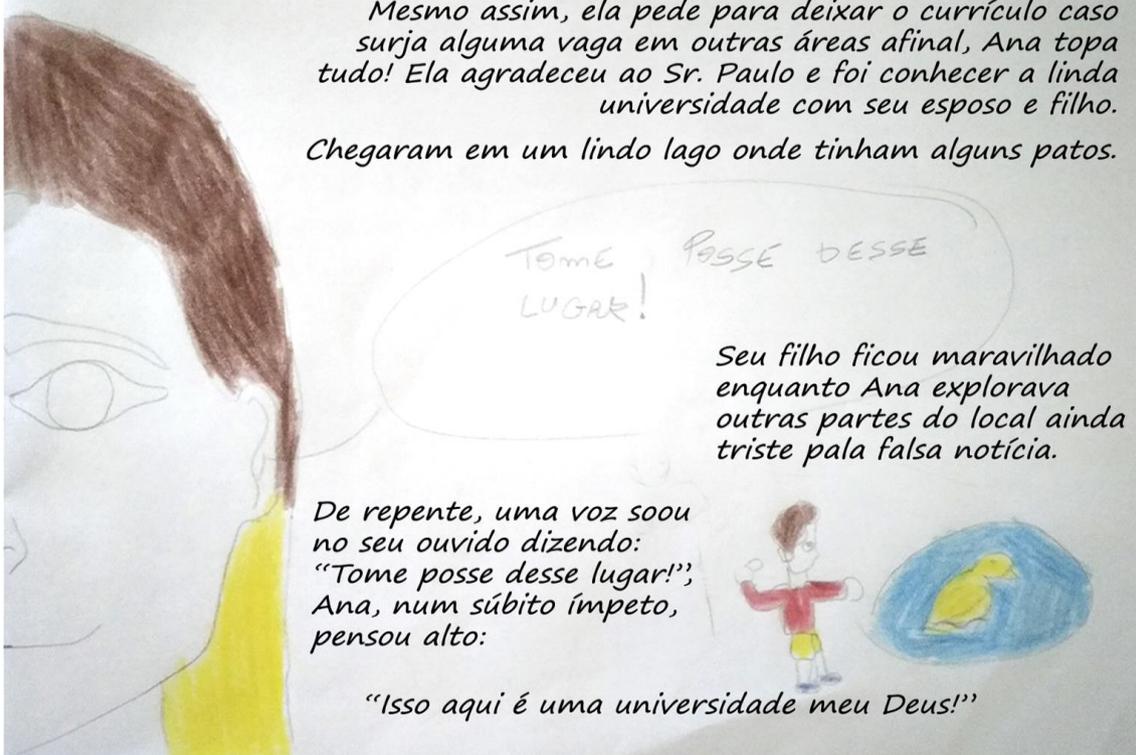
A cidade é linda. Ana se encanta com a beleza do lugar. Os dias aqui são frios e o inverno de Amargosa não se compara ao clima de Salvador e Camamu sua cidade Natal.

Na cidade de Amargosa, Ana começa a procurar emprego e uma amiga disse que na UFRB, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia haveria uma seleção para cozinheira de um suposto Restaurante Universitário.

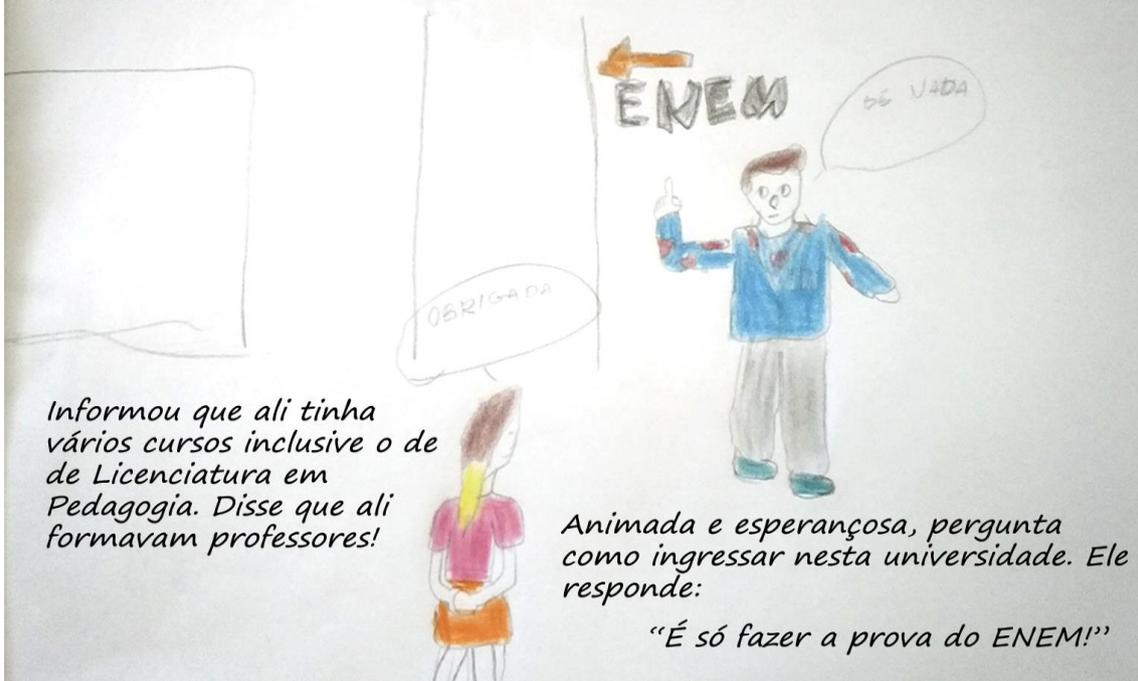
Ana então vai até lá com seu esposo levar o currículo, toda animada, mas ao chegar, o Sr. Paulo Jackson, o administrador da época diz não saber sobre essa história de Restaurante Universitário:



Mesmo assim, ela pede para deixar o currículo caso surja alguma vaga em outras áreas afinal, Ana topa tudo! Ela agradeceu ao Sr. Paulo e foi conhecer a linda universidade com seu esposo e filho. Chegaram em um lindo lago onde tinham alguns patos.



Ana resolveu perguntar ao segurança sobre a universidade. Simpático, o segurança falou que ali funcionava o CFP - Centro de Formação de Professores.



Informou que ali tinha vários cursos inclusive o de de Licenciatura em Pedagogia. Disse que ali formavam professores!

Animada e esperançosa, pergunta como ingressar nesta universidade. Ele responde:

“É só fazer a prova do ENEM!”

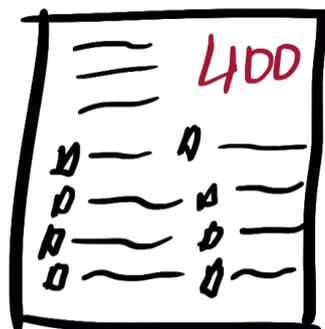
Ana chamou seu esposo e seu filho e foram para casa. Essa noite ela mal dormiu até sonhar com a UFRB.

No dia seguinte pediu a seu esposo um computador que ela queria estudar para o ENEM. Muito generoso, seu esposo a presenteou com um.

Ana ficou muito feliz e logo começou a estudar. Varava madrugadas nos simulados e redações.



Em novembro de 2011 ela fez a prova do ENEM e aguardou o resultado.

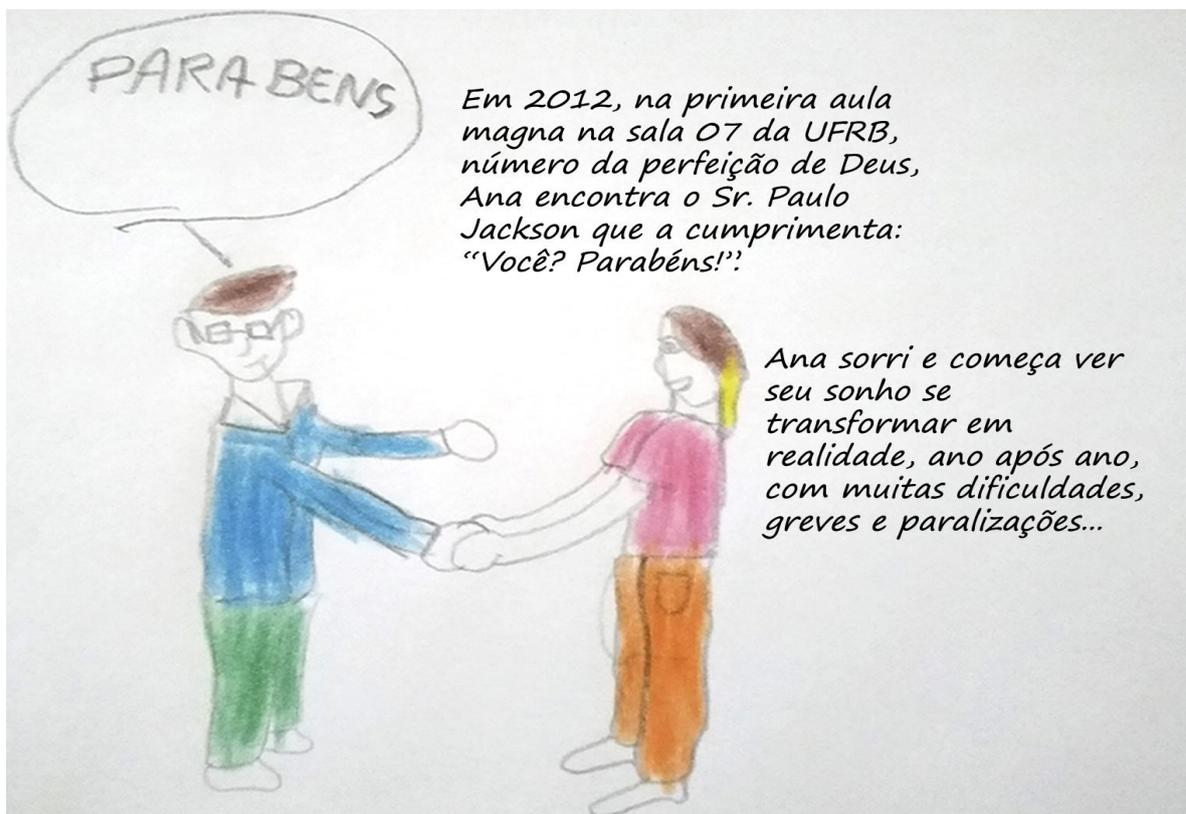


Ana se saiu muito bem alcançando mais de 400 pontos na prova objetiva e 760 pontos na redação.

ENEM



A felicidade era grande pois ela estava 20 anos sem estudar. Após o resultado, começa a maratona do Sisu, pois Ana foi aprovada em Pedagogia.



Em 2012, na primeira aula magna na sala 07 da UFRB, número da perfeição de Deus, Ana encontra o Sr. Paulo Jackson que a cumprimenta: "Você? Parabéns!"

Ana sorri e começa ver seu sonho se transformar em realidade, ano após ano, com muitas dificuldades, greves e paralizações...



Logo, viver seis anos no espaço acadêmico possibilitou-me uma evolução significativa, tento em vista que aprimorei minha linguagem, cresci intelectualmente e me constitui uma profissional que acredita na sua profissão. Não posso afirmar que esses anos foram fáceis, obviamente passei por momentos de crise, pelo qual pensei em desistir, porém, ser mãe e mulher também nos torna diferentes, pois, temos outros motivos por qual lutar. Meu filho e marido, sempre ao meu lado fortalecendo e ajudando nas atividades acadêmicas. Sendo que muitas coisas no meio tecnológicos avançaram e eu precisavam retomar e aprender com a contemporaneidade e a Universidade. Hoje, sou uma Pedagoga em formação contínua, pois, mesmo refinando meu olhar na academia, ainda preciso aprender cada dia mais. Segundo Paulo Freire (1996, p. 51) a formação do educador “[...] para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumí-la sem risco”. Logo, entendo que os riscos foram gratificantes e modificadores. Assim, “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” Freire (1996, p.65). Portanto, construir em mim, um sujeito transformador, de sua própria história. Para desse modo, transformar a realidade das pessoas que me rodeiam. Assim, reitera Paulo Freire (1997, p. 78) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Em suma, a Universidade foi apenas o início de muitas batalhas e aprendizados, logo virão outros e outros e essa mulher, mãe e trabalhadora conquistará novos horizontes.

INTRODUÇÃO

O processo histórico de acesso à educação pelas mulheres nos Brasil demonstra um caminho de lutas em busca de igualdade de direitos neste campo e no âmbito de outros papéis sociais. Ainda na contemporaneidade, as mulheres vêm lutando e conquistando seu espaço, no sentido de obter equiparação salarial, melhores cargos, reconhecimento profissional, diminuição de carga de trabalho, oportunidades acessar o nível superior e alcançar meios de permanência universitária. O Plano Nacional de Qualificação, do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS, expõe que em plena atualidade as mulheres lideram a presença em escolas, Universidades e cursos de qualificação. Apesar de revelar um avanço significativo no âmbito de sua escolarização, o mesmo estudo comprova que as mulheres ainda estão sujeitas a menor remuneração em relação aos homens, mesmo que desempenhem uma atividade idêntica a deles (BRASIL, 2016, p. 1).

A visão hegemônica contrapõe os avanços galgados no século XXI. A luta por igualdade possibilita a liberdade de expressão e a equipolência entre homens e mulheres presente na Constituição Federal de 1988. Esse enfrentamento social das mulheres, com o apoio dos homens rompem as hierarquias estabelecidas. Nesse sentido, oferecer e assegurar uma Educação de qualidade, conscientizando as mulheres do seu valor e papel fundamental no desenvolvimento da sociedade é de extrema importância para esse processo. Segundo Carreira (2001),

A luta pela igualdade entre homens e mulheres e as conquistas nesse terreno, constituem um dos marcos mais significativos deste início de milênio, tendo consequências profundas, como mudanças na estrutura social, na organização familiar, nas formas de produção e consumo, no mundo do trabalho e das responsabilidades públicas. (CARREIRA, 2001, p. 28).

Carreira (2001) salienta o quanto importante foi a luta por igualdade entre homens e mulheres na primeira década do século XXI. Isso abriu portas para que as mulheres alcançassem novas posições sociais, implicando na diminuição da distância profissional e social que há em relação aos homens. Para o autor, isto configura-se como um dos marcos mais relevantes deste início de milênio. Ao oposto do que ocorreu no passado da história das mulheres no Brasil,

quando o acesso ao ensino superior, durante tanto tempo, lhes era negado, atualmente, as mulheres são maioria nesse segmento de ensino no país (ÁVILA; PORTES, 2009).

Em um levantamento realizado por Ávila e Portes (2009),

Em 2005, as mulheres representaram 55,5% dos inscritos nos vestibulares, 55% dos ingressantes e 62,2% dos concluintes nos cursos superiores. Nesse mesmo ano, observando-se a dependência administrativa das instituições de ensino superior, as estatísticas apontam que 45,2% das mulheres matriculadas nesse nível de ensino encontram-se na rede privada e 42,6% na rede pública. O estudo apresenta apenas os dez maiores cursos de graduação do país por número de matrícula. Em 2005, as mulheres foram maioria em cinco deles: **Pedagogia (91,3%)**, Comunicação Social (56,6%), Letras (80%), Ciências Contábeis (50,7%) e Enfermagem (82,9%). Nos cursos de Administração (com 49,2%), Direito (48,9%) e Educação Física (43,1%), embora as mulheres não sejam maioria, a distância com relação à porcentagem de homens é pequena (ÁVILA; PORTES, 2009, p.95) (grifos nossos).

Cabe destacar neste período, a força do movimento feminista, cujas as lutas possibilitaram a essas mulheres o acesso aos distintos espaços de poder, dentre eles: a Universidade. Tal cenário, de algum modo, tem preparado estas mulheres para questionar e buscar meios para modificar a sua realidade, conseguindo conseqüentemente independência nos mais diversos campo de suas vidas. Entretanto, para isso acontecer é necessário expandir valores e formação dentro de grupos, organizações, e instituições produzindo, desse modo, alterações nas dinâmicas dos papéis sociais.

No Brasil, o acesso à universidade e sua permanência são privilégios de uma parcela reduzida da sociedade. Mesmo em pleno século XXI, com as lutas de classe e debates sobre igualdade de gênero nos espaços acadêmicos, muitas mulheres, mães e trabalhadoras, ainda são excluídas. Pois, mesmo passando para vida adulta, as mesmas são sobrecarregadas de deveres e obrigações que são reproduzidos como papel da mulher casada. Sampaio (2008) sublinha que pensar em permanência exige compreensão simultânea de que a entrada na vida universitária coincide com uma série de processos relativos à transição do jovem para a vida adulta. Dessa forma, necessita-se compreender que o processo de inserção universitária ainda depende de poder e igualdade econômica.

A igualdade econômica, política e social e o direito à não discriminação baseado em sexo e raça são explicitamente assegurados na Constituição de 1988 e na legislação infraconstitucional. Contudo, o modo como as mulheres participam em diversos

âmbitos da vida em sociedade ainda não significa equivalência de poder e de acesso aos bens comuns. (BARRETO, 2014, p. 09)

A autora enfatiza que mesmo com os direitos assegurados pela Constituição de 1988, as mulheres ainda não têm acesso aos espaços de poder. Desse modo, os espaços universitários deveriam permitir a esses sujeitos a participação crítica na sociedade para obterem liberdade social, política e cultural. Por tanto, é importante ressaltar que os espaços acadêmicos têm o dever de desconstruir a visão de oprimido e opressor, pois, sendo a mulher sujeito ativo e modificador da sua realidade, a mesma conquistando o conhecimento de si, liberta-se dos padrões impostos pela sociedade. Logo, Freire (1987, p. 24) ressalta que “o importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que essa superação seja o surgimento de um homem novo, não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se.” Assim, os processos de conscientização de si permitem as mulheres, mães e trabalhadoras liberta-se das estruturas massificadas.

Para romper com os paradigmas impostos às mulheres na contemporaneidade e aquebrantar a relação de opressão e oprimido, esses indivíduos precisam conhecer e participar do seu processo histórico. Durante séculos mulheres, vêm lutando para participar politicamente na sociedade, pois, acredita-se que somente com a participação política consegue-se modificar e garantir igualmente os direitos entre mulheres e homens.

No início do século XX cresce o movimento de luta das mulheres, essas bandeiras foram marcadas com diversos acontecimentos como o 25 de março de 1911, no qual 125 mulheres morrem em um incêndio em uma fábrica devido à falta de estrutura e segurança de trabalho. Em razão de alguns equívocos, essa data é comemorada dia 08 de março como dia Internacional das mulheres. Contudo, vale destacar que, os princípios do debate e reflexão giram em torno de respeito e justiça com a classe feminina trabalhadora e direitos eleitorais. Em diversos países como Estados Unidos, Áustria, Rússia e Brasil começaram uma discussão consistente sobre o direito das mulheres na sociedade. Segundo Blay (2001, p. 605)

No Brasil vê-se repetir a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio na Triangle, quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, um ano antes do incêndio. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e européias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin (BLAY, 2001, p. 605).

Para tanto, mesmo com o equívoco de informações e datas, o princípio de luta da bandeira feminina tem como foco, dentre tantos direitos, ao direito ao voto. Pois, somente com a participação na escolha de seus representantes, poderiam requerer pautas de lutas. Assim, cresceu no Brasil as bandeiras de combate como: políticas públicas igualitárias, enfrentamento contra a violência à mulher, equiparação salarial, garantia de direitos sexuais e combate ao racismo. Segundo Barreto (2014, p.16) “a partir da década de 70, através de lutas por direitos, respeito e reconhecimento, as mulheres têm conquistado espaços em diversas áreas, inclusive na área da educação e no mercado de trabalho”. Portanto, as políticas públicas têm como base a inclusão e valorização da mulher como sujeito ativo e participativo da sociedade.

Nesse sentido, os debates sobre o gênero e desigualdade tem como finalidade findar a visão arcaica que diz que o papel da mulher é cuidar da casa, dos filhos e maridos. Logo, o feminismo tem como proposta igualar os papéis e direitos entre mulheres e homens na sociedade. Tendo em vista que ambos podem exercer as mesmas funções, e têm direito de ganhar e se expressar do mesmo modo. Contudo, a luta contra as estruturas que moldam a sociedade ainda persiste na atualidade. Creenshaw (2002), analisa a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes, entre outras.

Esse cenário começa a ser modificado dentro dos muros da universidade com a promulgação da Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, que aponta sobre os ingressos nas universidades federais. Oferecendo assim cotas e 50% de suas vagas a estudantes oriundos de escolas públicas e famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salários mínimo per capita. O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres em seu capítulo II intitulado Educação para Igualdade e Cidadania desde de 2004 criam estratégias e metas para tratar a educação feminina como eixo fundamental para consolidação de uma sociedade igualitária entre mulheres e homens. Desse modo, o Plano Nacional de Políticas para Mulheres entregou a sociedade brasileira no período de 2013-2015 um planejamento que norteava a educação igualitária. Sendo alguns objetivos gerais contidos nele:

- I. Contribuir para a redução da desigualdade entre mulheres e homens e para o enfrentamento do preconceito e da discriminação de gênero, étnica, racial, social, religiosa, geracional, por orientação sexual, identidade de gênero e contra pessoas com deficiência por meio da formação de gestores/as, profissionais da educação e estudantes em todos os níveis e modalidades de ensino.
- II. Consolidar na política educacional as perspectivas de gênero, raça, etnia, orientação sexual, geracional, das pessoas com deficiência e o respeito à diversidade em todas as suas formas, de modo a garantir uma educação igualitária e cidadã.
- III. Promover o acesso e a permanência

de meninas, jovens e mulheres à educação de qualidade, prestando particular atenção a grupos com baixa escolaridade (mulheres adultas e idosas, com deficiência, negras, indígenas, de comunidades tradicionais, do campo e em situação de prisão, e meninas retiradas do trabalho infantil). (BRASIL, 2013, p. 23)

Logo, esse documento é de extrema importância para o avanço da educação igualitária, pois, somente com a consolidação da autonomia e liberdade da mulher na sociedade, conseguiremos romper com a desigualdade de gênero.

A preocupação com a igualdade de gênero, raça, etnia, liberdade de orientação sexual, com fortalecimento dos direitos humanos, perpassa transversalmente o planejamento das políticas federais. Uma educação de qualidade deve estar intrinsecamente associada à busca da igualdade entre os seres humanos e à valorização da diversidade da sociedade brasileira. (BRASIL, 2013, p. 23)

Portanto, precisamos pensar não somente na oferta da educação igualitária, mas também na qualidade e permanência dessas mulheres no espaço escolar e acadêmico. Sendo de fundamental importância a valorização do multiculturalismo e pluralismo. Pois, somente com reconhecimento da diversidade da sociedade brasileira, alcançaremos a igualdade, reparando socialmente e historicamente a desigualdade entre mulheres e homens.

A escola acaba reproduzindo a desigualdade vivida entre as pessoas na sociedade, seja nos currículos, nos livros didáticos, nas práticas das salas de aula ou nos procedimentos de avaliação. A linguagem sexista dos textos e práticas cotidianas, a invisibilidade das mulheres na ciência e na história responde à ideologia patriarcal e ao androcentrismo do conhecimento; estes são denunciados como um dos elementos da construção da desigualdade de gênero. (BRASIL, 2013, p. 23).

Nesse ínterim, o âmbito educacional pode ser um espaço de reprodução da desigualdade ou construção de uma nova visão do papel da mulher na sociedade. No entanto, cabe à sociedade reedificar os currículos e materiais didáticos para desconstruir a visão sexista do cotidiano escolar. Permitindo a visibilidade das mulheres como protagonistas da construção histórica, social e política do meio social. De certo modo, se nota que “muitas ações e programas são hoje executados, mas urge o fortalecimento dessas ações, no âmbito da educação, de modo a contribuir para uma educação igualitária e sem discriminação no ambiente escolar” (BRASIL, 2013, p. 23). Ressaltando assim, que a fiscalização e consolidação de programas de permanência das mulheres, mães e trabalhadoras na Universidade é meta a fortalecer.

Portanto, mesmo a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB/ CFP recebendo diversas mulheres, mães e trabalhadora, não localizamos nesta pesquisa políticas de permanências e projetos que envolva às suas necessidades. Nesse sentido, precisamos pensar nas particularidades desses sujeitos e construir uma universidade mais comprometida e heterogenia que valorize e possibilite a construção de indivíduos mais críticos e participativos na modificação da sua realidade.

Assim sendo, neste trabalho, no intuito de nos aproximarmos das mulheres e suas trajetórias, neste tempo contemporâneo, buscamos conhecer cinco histórias de mulheres, estudantes universitárias vinculadas ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFBB/CFP. Este trabalho de pesquisa orientou-se a partir das seguintes questões-problema: *Quais os dilemas encontrados pelas mães, trabalhadoras e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia? De que maneira estas mulheres conseguem conciliar a múltiplas jornadas no período da universidade?* Tais questões se desdobram nos seguintes objetivos: Compreender as trajetórias vivenciadas por mulheres mães, trabalhadoras e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Conhecer os dilemas encontrados por mulheres mães, trabalhadoras e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Identificar, nas histórias individuais, estratégias coletivas desenvolvidas por estas mulheres em suas *múltiplas jornadas*.

No que refere aos pressupostos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho (auto) biográfico. Para coleta de dados, utilizou-se o memorial (auto) biográfico, instrumento que possibilitou a narração das histórias individuais das mulheres colaboradoras.

A pesquisa justifica-se por um viés social da temática em estudo, aliada as demandas e urgências dos campos acadêmicos que envolvem as questões de gênero e permanência universitária. Do ponto de vista pessoal, me associo a esta discussão, visto que, sou mulher e, tal como as colaboradoras desta pesquisa, sou mãe, trabalhadora e estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O interesse por este tema surgiu através de algumas discussões durante o curso universitário, especificamente quando fui desafiada a escrever meu memorial de formação em um dos semestres em estudo. É nesse contexto que, a produção dos “memoriais de formação é importante, pois ajuda a construir os nexos de sentido entre o patrimônio experiencial do sujeito e seu percurso como pesquisador”. (POSSEGGI, TATYANA, 2008, p.140). Desse modo, as histórias traçadas entre narrador e ouvinte se encontram em diversos momentos. Tal como as cinco mulheres-colaboradoras eu, também, enfrentei desafios e dificuldades para conciliar trabalho e as exigências da

universidade, associada isso, tem-se à falta de condições financeiras, o tempo de estudo escasso, os afazeres domésticos, a não compreensão dos professores e colegas, entre outros.

No âmbito dos referenciais teóricos, o estudo ancorou-se nos seguintes autores: Aragão e Kreutz (2019), Carreira (2001), Catroga (2001), Costa (2001), Meireles (2000), Locks (2016), Josso (2006), Nóvoa (1993), Goldenberg (1997) e Minayo (2001) com objetivo de compreender historicamente os desafios do percurso de formação universitário dessas mulheres, mães e trabalhadoras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Esta investigação está estruturada em dois capítulos, seguidos de introdução e considerações finais. A introdução, expõe os motivos e justificativas deste trabalho, bem como os objetivos, as questões-problema, apresentando brevemente a organização do estudo. O primeiro capítulo, destina-se a discussão metodológica, nele apresentamos as escolhas pela pesquisa qualitativa, sua aproximação com a pesquisa (auto) biográfica e o uso do memorial como instrumento de recolha de dados. No segundo capítulo tem-se as histórias individuais das colaboradoras onde é possível compreender como suas trajetórias de vida, formação e profissão se cruzam e fazem parte de universo vivenciado por mulheres mães, trabalhadores e estudantes universitárias. Por fim, constam as considerações finais, seguidas pelas referências e os anexos.

1.PERCUSOS METODOLÓGICOS

1.1 pesquisa qualitativa

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa, com a finalidade de compreender a dinâmica entre as narradoras e seus mundos. Visto que, a pesquisa qualitativa possibilita o contato com a subjetividade do objeto em análise, levando em consideração suas particularidades e experiências individuais. Segundo Goldenberg (1997),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

O autor destaca que a pesquisa qualitativa não se preocupa em captar números, mas sim, em valorizar as representações dos colaboradores em questão. A pesquisa qualitativa permite que o pesquisador leve a imaginação e a criatividade a novos enfoques, pois, interessa-se em compreender as dimensões qualitativas, subjetivas e humanas de determinado grupo social. Portanto, o método permite compreender as relações sociais e culturais da sociedade.

Para Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Partindo desses pressupostos escolhemos esta abordagem de pesquisa, uma vez que, a pesquisa em questão surge por relação entre as vivências da pesquisadora e das colaboradoras da pesquisa, há, portanto, subjetividades e um trabalho de não neutralidade com o tema em estudo, tal como permite a pesquisa qualitativa. Desse modo, para realizar a pesquisa qualitativa foi necessário ir a campo, captar informações das vivências das narradoras dentro e fora da

universidade, a partir de uma pesquisa (auto) biográfica. Para isso, utilizamos a construção de memoriais para obter informações necessárias ao entendimento do fenômeno em estudo.

Assim, visando construir uma pesquisa que alcança os objetivos propostos através da construção dos memoriais. Notamos que a pesquisa qualitativa constrói através do seu desenvolvimento múltiplos saberes. Segundo Minayo (2001, p. 26) para efeito bem prático, dividimos o processo de trabalho científico em pesquisa qualitativa em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. Todavia, embora existam estes passos, ressaltamos que a pesquisa não é algo estático, necessita de um processo contínuo de construção e (re) construção, pois lidamos com sujeitos, suas histórias e subjetividades, que por sua vez, estão em constante movimento. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possibilitou a construção da resolução do problema em estudo, em virtude de sua valorização aos sujeitos e seu posicionamento na sociedade.

1.2 Pesquisa (auto) biográfica: algumas considerações

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito (PASSEGGI; SOUZA 2017, p. 1).

Além da abordagem qualitativa, este trabalho fundamenta-se em princípios da pesquisa (auto) biográfica com vistas a compreender as trajetórias de vida-formação-profissão de estudantes, mães e trabalhadoras vinculadas à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Segundo Nóvoa:

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p. 18)

Logo, o autor salienta que mesmo o método (auto) biográfico, por ser um instrumento novo na contemporaneidade, ele propõe expressar socioculturalmente a qualidade e vivências dos sujeitos envolvidos nas pesquisas. Nesse sentido, escolhemos por este tipo de pesquisa, pois ela nos ajuda a compreender os dilemas de mulheres no âmbito da vida acadêmica.

Para Passeggi (2008),

Auto-bio-grafar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico de significado permite operar a síntese do sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita. (PASSEGGI, 2008, p. 27)

Estas palavras nos ajudam compreender a relevância da escrita (auto) biográfica, pois esta possibilita que os sujeitos expressem os múltiplos sentimentos e experiências vivenciadas pelos narradores, visto que, biografar significa externar, contar, pronunciar-se. Desse modo, o método escolhido oportuniza a mulheres colaboradoras da pesquisa a manifestar-se politicamente e socialmente sobre suas trajetórias. Tendo em vista, que em pleno século XXI, nossas vozes ainda são sucumbidas, silenciadas e esquecidas. Assim, as narrativas fornecem memórias vivenciadas dentro e fora da Universidade como momento de reflexão e aprendizado.

De acordo com Souza e Meireles (2018),

[...] no campo educacional, as pesquisas (auto) biográficas nascem e se articulam a partir de princípios da pesquisa qualitativa e da constituição de outros modos de ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências que se inscrevem nos domínios da formação dos adultos, de professores em processos de formação inicial ou continuada, mas também das formas diversas que as narrativas têm assumido no cenário contemporâneo. Sendo assim, as múltiplas formas de expressão do ato narrativo (escrita, oral, imagética, digital) revelam e desvelam ações cotidianas, reflexões sobre o público e o privado, demarcando os movimentos propulsores das experiências, das histórias individuais e coletivas de pessoas simples, de intelectuais, de professores, de crianças, jovens e adultos. Destaca-se nesse ínterim, as diversas maneiras de como os sujeitos narram a vida, significando-a através das marcas formadoras e dos sentidos que lhe são atribuídos, quando elaboram e partilham suas histórias (SOUZA, MEIRELES, 2018, p. 285).

Justifica-se assim, a escolha pela pesquisa (auto) biográfica, tendo em vista sua relação com a pesquisa qualitativa e o universo de sujeitos e fontes pertencente a esse tipo de pesquisa. Estabelecendo, portanto, uma ligação entre as vivências e processos de construção pessoal e profissional. Vale dizer que, na pesquisa (auto) biográfica, não buscamos encontrar nas

narrações uma “verdade histórica”, mas sim uma “verdade narrativa”, buscando entender como os sujeitos narram e significam as experiências narradas. Segundo, Souza e Meireles (2018, p. 291) “o princípio que orienta e funda a pesquisa (auto) biográfica é de que toda experiência humana pode ser anunciada, elaborada sob a forma de uma narrativa, visto que, desde sempre, o homem encontrou maneiras de contar histórias”.

Para Souza e Meireles (2018), há uma variedade de instrumentos de recolha de dados utilizados na pesquisa (auto) biográfica, dentre eles destacamos o memorial, dispositivo narrativo escolhido nesta pesquisa pelas professoras colaboradoras.

As pesquisas (auto) biográficas adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos documentos pessoais (autobiografias, diários cartas, fotografias e objetos pessoais) e as entrevistas biográficas, que podem ser orais ou escritas. De fato, as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional, como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como um objeto de análise, considerando-se, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que se vincula (SOUZA, MEIRELES, 2018, p. 285).

Em suma, a pesquisa (auto) biográfica valoriza e perscruta as dimensões pessoais dos narradores, através da subjetividade e singularidade. Possibilitando com isso, conhecer suas emoções, sentimentos e percepções, vivências e trajetórias. A seguir apresentamos uma breve discussão sobre memorial (auto) biográfico.

1.3 Fonte de recolhimento de dados: os memoriais (auto)biográficos

O instrumento de coleta de dados utilizado para realização dessa pesquisa foi o memorial (auto) biográfico. Pois, através dos memoriais é possível compreender a vivências dessas das mulheres e tecer compreensões sobre suas histórias e trajetórias. Assim sendo, “no memorial, a evocação da experiência vivida torna-se formativa à medida que os narradores dão forma e sentido à narrativa, relacionando-se com um conjunto ordenado de experiências”. (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 297).

Para Passeggi e Tatyana (2008).

Os memoriais explicitam, inclusive, que o percurso do(a) pesquisador(a) não é necessariamente linear e dirigido por certezas e por método definido a priori, mas permeado por caminhos - planos e tortuosos, com trilhas abertas e com becos sem saída, exigentes e generosos- que reclamam atenção, perseverança, construção e diálogo entre pergunta e problema, hipóteses e dados, impressões e teorias, modo de organização e escrituras, subjetividade e autocríticas uma rede de interlocutores (PASSEGGI, TATYANA 2008, p. 140).

As autoras esclarecem que a produção dos memoriais nem sempre serão lineares, pois, estes, podem tecer relação entre o passado e presente, a partir da significação dada pelas colaboradoras. Durante realização dessa pesquisa levamos em conta as narrativas e as memórias das narradoras, principalmente, porque são através delas que iremos entender nosso objeto de estudo. Deste modo, é de extrema importância salientar que as vivências no espaço acadêmico estão diretamente ligadas com a vida pessoal e profissional desses sujeitos.

As narrativas, destacando-se aqui os memoriais, revelam não somente os dilemas dos sujeitos, seus desejos e expectativas não somente os dilemas dos sujeitos, mas também possibilidades de, coletivamente, construir a escola, gestando mudanças no trabalho docente e na escola como um todo (PASSEGGI, TATYANA, 2008, p. 140).

Nesse sentido, as narrações revelam não somente os desejos e expectativas dessas narradoras, mas sim, as modificações ocorridas em suas trajetórias pessoais, mediante a entrada na Universidade, uma vez, o espaço acadêmico expande e prepara essas mulheres para contribuir socialmente e politicamente na sociedade.

Como narrativa (auto) biográfica das experiências dos professores em formação, o memorial de formação apresenta-se como um campo de investigação relevante para compreensão do processo formativo e da identidade profissional, uma vez que conduz o aluno a uma autorreflexão sobre sua vivência profissional, fornecendo, por esse viés, elementos interessantes sobre suas motivações, crenças, valores e representações (MELO e PASSEGGI, 2008, p. 181).

A partir desta compreensão, a construção do memorial é para os estudantes em formação uma experiência de suma importância, pois, o conduz ao processo de reflexão da sua trajetória no âmbito da vida, da formação e da profissão. Nesta pesquisa, a elaboração desses memoriais,

ocorrem a partir de um processo dinâmico e harmonioso, deixando as narradoras tranquilas e à vontade para expressar suas crenças e valores.

O memorial configura-se como uma “arte de tecer uma figura pública de si” (PASSEGI, 2008), de modo que, ao escrever sobre recortes de vida, seu processo de formação intelectual e de inserção profissional os narradores refletem sobre seus percursos. Percursos, que incluem obrigatoriamente considerações sobre a vida familiar, a escola, a vida profissional e coloca em foco questões como a formação inicial e continuada, o desemprego, a empregabilidade, as mudanças estatutárias, indenitárias que fazem parte do processo de formação do educador. Desse modo, o memorial torna-se imprescritível para conhecer sujeitos em formação.

Segundo Passeggi (2008, p. 31) “os memoriais são dessas escritas de si de grande tradição no ensino superior, eles são inseparáveis da história da universidade brasileira. Eles podem revelar o processo de evolução de sua história e dos modos de inserção profissional o magistério superior”. Porquanto, o processo de construção dos memoriais aconteceu de forma tranquila, seguindo um breve roteiro narrativo. Tal roteiro foi orientado a partir da nossa pergunta: *quais as dificuldades e dilemas encontrados por mulheres, mães estudantes durante o período da formação universitária?* E organizou-se a partir das seguintes temáticas: *História de vida; entrada na universidade; desafios da permanência.*

Para Passeggi (2008, p. 31) “o interesse do memorial é justamente [...] o cuidado de tecer os fios que entrelaçam os fatos entre si, explicar o que e como provocam efeitos formadores na sua vida intelectual e profissional”. Em conformidade com esta autora, permitimos que as narradoras tecessem espontaneamente as suas trajetórias.

Nas palavras de Serevino (2001), o memorial

[...] é uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta de fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2001, p. 175).

De acordo com o autor os memoriais devem ser escritos elencando elementos da vida para deste obter as informações necessárias sobre o narrador. Em consonância, solicitamos que as narradoras escrevessem primeiramente sobre sua vida pessoal, para posteriormente expor sua vida acadêmica e profissional, obtendo assim, maior compreensão sobre sua trajetória.

Em síntese, buscamos através dos memórias fazer as narradoras lembrar/recordar sobre seu percurso dentro e fora do espaço acadêmico, afim de, estabelecer uma conexão entre a pesquisa e percurso das narradoras. Nesse sentido, “a narrativa perspectiva uma forma autêntica de revelar coisas sobre a vida humana. As histórias são narradas com palavras e sentidos, revelados a partir da experiência de quem conta sua história” (MEIRELES, 2015, p. 288).

1.4 Sujeitos da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada com estudantes de pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Com um grupo de mulheres que fazem parte do perfil de mães, trabalhadoras e estudantes, que é a proposta desse trabalho. Assim, três das participantes trabalham na escola Creche Tia Delcinha e duas são trabalhadoras são autônomas. Portanto cinco mulheres participam como colaboradoras desta pesquisa, os critérios de escolha foram: ter concluído ou está concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Desse modo, as participantes da pesquisa, são estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. As faixas etárias das participantes são heterogêneas, variando entre 20 anos a 40 anos mães. Algumas mulheres são oriundas da zona rural do município de Amargosa-BA. Nasceram e cresceram em famílias de baixa renda. A seguir conheceremos suas trajetórias.

A construção dos memórias ocorreu de forma individual, sendo que cada colaboradora recebeu a questão problema e os eixos narrativos como orientadores para a produção das narrativas. Esta elaboração ocorreu durante o período de setembro a novembro de 2018. Após isso, os memórias foram recolhidos, analisados e sistematizados, resultando neste trabalho. Os resultados desta análise são apresentados no próximo capítulo.

2.HISTÓRIAS INDIVIDUAIS, TRAJETÓRIAS COLETIVAS: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DAS CINCO MULHERES.

As histórias individuais, a partir do método (auto) biográfico, possibilitam o pesquisador conhecer, através das narrações, a trajetória pessoal-profissional dos sujeitos colaboradores do estudo. As narrativas, portanto, configuram-se como mecanismo de produção do conhecimento e de compreensão da realidade por meio das experiências narradas. Dessa forma, as narrações criam uma relação subjetiva que estreita a pesquisa com as narradoras.

De certo modo, a pesquisa narrativa não se importa com a estrutura ou mecanismo, mas sim, com o papel social das narrações. Assim sendo, as narrações estabelecem sentido e importância frente a determinados objetos de conhecimento. Assim, não existem fatos, por excelência, considerados relevantes, mas sim, os fatos que se destacam pela sua importância no processo de construção dos sujeitos nas suas mais diversas formas de experimentar o mundo.

[...] para o [...] biógrafo em particular, não existem fatos importantes em si, que precisam ser revelados “do a quem doer”; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado por ele mesmo. Mas o [...]. respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada (SCHMIDT, 2009, p. 24-25).

Dessa forma Schmidt (2009), relata a importância de compreender a trajetória humana, pois, somente ela define a formação desse sujeito. Logo, aplicamos essa pesquisa com estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, para assim, entender os fluxos pessoais e sociais que envolvem essas narradoras. Vale ressaltar que, orientamo-nos por princípios de ética e sigilo ao realizar a essa pesquisa resguardando os nomes reais, bem como apresentando suas histórias de forma respeitosa e sem julgamentos.

Borges (2009), exprime que as histórias narradas não devem ser tomadas como mercadorias que serão vendidas ou expostas pelo pesquisador. Logo, usamos da abordagem qualitativa e (auto) biográfica para descrever as narrações de forma que valorize a pluralidade e singularidades das histórias narradoras. A partir de um trabalho de análise que foi orientado pelo princípio da compreensão, como possível ver no anexo 01 deste trabalho, buscamos sistematizar as trajetórias das colaboradoras, apresentando-as de modo individual, a fim de garantir as singularidades e as subjetividades que atravessam cada história narrada.

2.1 Maria

“Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!”
(Raul Seixas)

Maria¹, natural do município de Amargosa/Bahia, especificamente da comunidade rural de Cambaúba, é mãe, trabalhadora e universitária. Sua trajetória revela as lutas diárias para a permanência na Universidade. Vejamos um pouco de sua história:

Aos 7 anos ingressei na escola. Desde então tudo tornou-se muito difícil para que pudesse estudar. Mesmo diante de muitos desafios, principalmente por morar na roça, desprovida de vários direitos ou possibilidades, consegui terminar o magistério em 2001. Contudo, não lecionei pois não tinha conhecimento político. (Memorial, Maria, 2018).

Nota-se assim, que o papel ao qual a mulher está submetida em nossa sociedade impossibilita a mesma de ingressar e continuar uma vida acadêmica. Por longos períodos da história da humanidade a mulher foi privada de percorrer caminhos dos quais homens cotidianamente tiveram o privilégio. Mesmo nos dias atuais, estando aptas e tendo o direito de perscrutar os mesmos caminhos, mulheres encontram pela frente dificuldades que lhes impossibilitam de conquistar um lugar de poder. Observamos também que pessoas oriundas do campo encontram diversas dificuldades para cursar a universidade, a saber: deslocamento casa-universidade, acesso a recursos tecnológicos, trajetória de escolarização etc. Assim, Maria sendo um sujeito do campo, precisou se deslocar da zona rural para zona urbana para romper os paradigmas impostos a ela e acessar a Universidade.

Em seu memorial Maria, destaca elementos de sua vida e acadêmica:

Casei e tornei-me mãe de três filhos. O tempo passou, em 2012 ingressei no ensino superior no curso de pedagogia da UFRB. Universidade que possibilitou o ingresso de pessoas de classes populares no ensino superior. O ingresso foi através do Enem (Memorial, Maria, 2018).

¹ Neste trabalho, respeitando o sigilo e ética da pesquisa com humanos, os nomes das estudantes são fictícios.

Neste relato, a narradora destaca, devido as obrigações como mãe e esposa, que adentrou tardiamente à Universidade. Vale dizer que, no Brasil as mulheres só passaram a frequentar a escola no período colonial, estas somente ensinavam os afazeres domésticos e normas de convivência. Segundo Aragão e Kreutz (2010, p. 109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao Lar e para o Lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”.

Nesse sentido, percebemos que houve poucas mudanças até o século XIX no que diz respeito à Educação para mulheres, pois os currículos eram diferenciados quando se tratavam de homens e de mulheres.

Ao sexo feminino cabia, em geral, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher como mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, à formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 128).

A constituição da República de 1891 possibilitou a descentralização do ensino, permitindo assim, ao público feminino ocupar o campo educacional antes privado a elas. Somente no século XX com o fortalecimento das lutas a favor do voto foi possível uma ampliação na alfabetização das mulheres, já que para votar, na época, era necessário ser alfabetizado. Assim, em 24 de fevereiro de 1932, o direito ao voto amplia-se às mulheres. De acordo com Beltrão e Alves (2009, p. 133), os “políticos tinham interesse na alfabetização geral da população, em especial das mulheres, pois somente as pessoas alfabetizadas podiam votar”.

Assim reiteram,

No período do chamado “Pacto Populista”, de 1945 à 1964, surgiram grupos de pressão popular que pediam a democratização do ensino. Todavia, é importante destacar, que foi somente na LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, Lei nº 4.024/61, que “foi garantida equivalência de todos os cursos de grau médio, abrindo a possibilidade para as mulheres que faziam magistério de disputar os vestibulares” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 130).

Na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em sua mais nova formulação, garante e assegura que a Educação é direito de todos e estabelece princípios de igualdade entre todos. (BRASIL, 1996). Estabelecendo o princípio de Educação pública e de qualidade para todos, assegurando às mulheres seu lugar de direito junto a qualquer outro cidadão. Mesmo em face

das grandes mudanças que permitiram a mulher alcançar um lugar de poder na sociedade, as obrigações não, a saber: mãe, zeladora do lar e esposa. Estas atribuições, em certa medida, dificultavam o desenvolvimento intelectual delas, impedido que tenham trajetórias acadêmicas e profissionais, desvinculadas dessas e de outras obrigações femininas.

Segundo Queiroz (2013), estudos revelam o acesso diferenciado de homens e mulheres ao ensino superior, demonstrando que no Brasil as mulheres começam tardiamente a ingressar na universidade. Apenas após o final do século XIX, o direito de ingressar no ensino superior é conquistado pelas mulheres brasileiras. Contudo, ainda há discriminação entre o gênero feminino, onde as mulheres negras são menos favorecidas (QUEIROZ, 2013).

No cenário contemporâneo, “a mulher desempenha um papel de igualdade com o homem na sociedade, tem direitos garantidos por lei que lhe garantem a igualdade entre os sexos. Um desses direitos adquiridos pela mulher foi o acesso à educação.” (Bezerra, 2013, p. 1). Direito conquistado através de incansáveis lutas. Todavia, mesmo com a entrada das mulheres no universo acadêmico, as mesmas continuam passando por dificuldades de permanência, uma vez que, precisam conciliar o papel de mães trabalhadoras e estudantes. Vejamos o que narra Maria, mulher negra e do campo, sobre sua entrada na Universidade:

Os primeiros semestres foram desafiadores pois eu não tinha muitos incentivos para continuar estudando, primeiro por ser mãe, da roça e esposa que além de estudar precisava cuidar da casa, dos filhos, e tinha que trabalhar na roça para contribuir com a renda da família. Isso foi muito difícil de conciliar, cheguei a deixar de frequentar o curso por duas semanas. No entanto alguns colegas e professores me incentivaram a não desistir (Memorial, Maria, 2018)

Percebemos o quanto a Universidade distancia as mulheres que se tornam mães, esposas e profissionais da vida universitária, pois, esse espaço exige um tempo de dedicação e organização. Vale ressaltar que, muitas mulheres, por vezes, são obrigadas a desistirem para ajudar ou prover o sustento da família. Outro ponto importante é salientar que a narradora Maria precisava se deslocar da zona rural para a zona urbana, dificultando ainda mais a sua permanência. Tendo em vista, que a rotina da Universidade exige um empenho para realização dos estudos e a vida acadêmica exige a presença diária neste espaço.

Dessa maneira, a múltiplas jornadas, dessa mulher camponesa, tem interferido na sua trajetória acadêmica. Contudo, Maria mostrou-se persistente aos estudos, buscando romper os paradigmas impostos pela sociedade. É preciso destacar que, a carreira profissional da mulher

se iniciou tardiamente, principalmente por questões de princípios familiares e de questões ligadas à desigualdade de gênero (BEZERRA, 2013), tal como revela a trajetória de Maria.

A realidade do homem e mulher do campo traz em si vários desafios e obstáculos a serem superados. É sabido que o acesso à uma Educação de qualidade, já difícil para a maioria do povo brasileiro e que, chega com ainda mais escassez e dificuldade para quem mora no campo. Desde de muito cedo, de forma perversa, os camponeses aprendem a tirar seu sustento da terra, sabem que não têm tempo a perder quando o assunto é sobrevivência, foco principal na sua rotina. Para homens, mulheres e até crianças, os estudos acabam ficando em segundo plano. Para estes sujeitos, em especial as mulheres, foco deste estudo, o acesso e a permeância ao ensino superior tornam-se parte de uma luta pessoal, intensa e diária.

Os desafios não acabam ao chegar nesse lugar tão almejado – *a universidade* - pelo contrário, no caso das mulheres eles só aumentam. Essas mulheres encontram pelo caminho adversidades de toda sorte. Dificuldades em permanência, locomoção, extensão (um dos três pilares obrigatórios da Universidade), custeio dos materiais exigidos para estudos, acesso à internet (em muitos casos), horários etc.

Nos primeiros dois semestres não consegui bolsa e minha situação financeira era muito difícil para continuar. Só no terceiro semestre consegui ingressar no PIBID/Pedagogia (Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil e Classes Multisseriadas). O que auxiliou tanto na formação quanto na área financeira, para que ajudasse a manter as despesas da Universidade. (Memorial, Maria, 2018, p. 2)

A viabilização de bolsas permanência é uma estratégia essencial para suporte dessas mulheres no meio universitário. São as políticas que asseguram e viabilizam a participação das mulheres na sociedade. Outra perspectiva que merece destaque, neste período é a proliferação de espaços de formação e discussão sobre o papel da mulher na sociedade, uma vez que somente através da aquisição do conhecimento elas terão liberdade para repensar sua realidade. Assim, com políticas de permanência e conscientização poderiam elas dispor de mais tempo a fim de dedicar-se à vida acadêmica.

Outro ponto que merece destaque é o fato de não existir política de permanência para pessoas estudantes do campo e mulheres/mães, uma vez que estas precisam trabalhar na roça e não têm incentivos e ainda precisa dispor de uma tripla, quádrupla jornada de atividades. Acredito que muitas mulheres/mães da roça não querem/podem continuar estudando (Memorial, Maria, 2018, p. 2).

Nessa passagem Maria faz uma avaliação de sua trajetória de formação e os apresenta alguns desafios que afetaram este processo. Sendo a educação, bem como os espaços educativos, um influenciador do desenvolvimento educativo e profissional, sobretudo das mulheres, pensamos ser necessário que as Universidades comecem a repensar sobre as trajetórias de seus sujeitos, reavendo-os como protagonistas de suas próprias histórias. Sabendo que a sociedade tem uma dívida a ser sanada com as mulheres, devido a um longo período de repressão ao qual elas sempre estiveram submetidas, percebemos o quanto é importante a inserção de medidas de incentivo e apoio tanto financeiro quanto psicológico, afim de possibilitar uma experiência acadêmica mais humana e menos segregacionista.

Nesse sentido,

É necessário desde já reconhecer que as mulheres, que constantemente foram consideradas submissas aos desejos, às regras e às funções impostas por outros, são capazes de agir a fim de responder às suas exigências interiores e pessoais, e não somente responder a sujeições exteriores. [...] Ainda assim, não poderíamos nos contentar em afirmar que a dominação masculina era e ainda é tão forte que, antes de tudo, precisaria denunciá-la (e, sobretudo, tirar as máscaras que escondem esta dominação), dando uma representação “naturalizada” ou “essencializada” das mulheres. Esta explicação, com efeito, não é suficiente, na medida em que nada impede associar desde o começo os três temas: mulher-natureza, mulher-vítima e mulher-sujeito (TOURAINÉ, 2007, p. 31-39).

Nas palavras de Touraine (2007), durante um logo período as mulheres sofreram com a opressão masculina que limitava as mulheres a exercerem apenas a função de cuidadora do lar. Contudo, a narradora Maria consegue ir de encontro aos paradigmas impostos pela sociedade e desfrutar dos projetos e oportunidades oferecidos na Universidade o seu desenvolvimento social, político e econômico. A narradora apresenta uma trajetória biográfica ascendente, visto que, a mesma concluiu o curso universitário e atualmente é funcionária pública do município de Amargosa. De fato, Maria ainda não ocupa o cargo almejado de docente, demonstrando suas expectativas em relação a esta carreira para o futuro. Todavia, como mulher do campo que adentrou na Universidade tardiamente, sofrendo com o deslocamento e dificuldade financeira, conseguiu romper paradigmas e lidar com a *múltiplas jornadas*.

2.2 Antônia

“Toda pedra do caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver”
(Erasmus Carlos – Roberto Carlos)

Antônia tem 40 anos e reside na cidade de Amargosa-BA. Atualmente é auxiliar de classe, funcionária concursada no município de Amargosa-BA. Mãe, esposa e mulher negra em uma sociedade extremamente competitiva de valores hegemônicos enraizados que a coloca à margem da sociedade. Moradora de um bairro subjugado e inferiorizado, a Katiara, entrou na Universidade em 2011 através do sistema de políticas públicas para pessoas de baixa renda e negra. Utilizando assim, o sistema de cotas como meio de efetivar o seu direito na sociedade.

Para Goldemberg (2004, p. 39) “as cotas não foram implantadas para estabelecer que os negros sejam pessoas incapazes e precisam de cotas raciais para adentrar no ensino superior”. Mais uma vez, o ingresso das mulheres no ensino superior, sobretudo de mulheres negras, se deu pelas incansáveis lutas e manifestações em busca da independência, onde as Políticas Públicas Educacionais tiveram efeitos positivos e progressivos no desenvolvimento do Brasil (BEZERRA, 2013). A seguir, Antônia conta-nos um pouco de sua história e as dificuldades encontradas em suas múltiplas jornadas:

[...] diante de tantas atribuições que tenho não é fácil conduzi-las. Principalmente aos dos estudos, que diante das atribuições parece que sempre estou deixando algo sem fazer. Esse meu caminhar é muito difícil, pela falta de compreensão de alguns colegas e professores da instituição. (Memorial, Antônia, 2018).

É de extrema importância destacar que mesmo adentrando nas Universidades essas mulheres sofrem com as múltiplas demandas e adaptações no espaço acadêmico. Colegas e professores menosprezam a sua trajetória e suas dificuldades. Atrapalhando assim, o seu desenvolvimento educacional, uma vez que o rendimento escolar está entrelaçado ao estado psicológico do sujeito.

Em outro momento a entrevistada expõe que durante muitos dias chegou a frequentar a Universidade, mas não adentrou a sala de aula. Pois, sentia-se constrangida e magoada perante os colegas e professores. Antônia passou por várias experiências de negação dentro da Universidade, assim explica a mesma “*Várias e várias vezes senti magoada, chegava na UFRB e não conseguia entrar na sala de aula, olhava no entorno dela e me dizia ‘o que é que estou fazendo aqui’ retornava para casa. Foi assim várias e várias vezes*”. Nesse caso, Antônia revela pontos cruciais da sua trajetória, explicitando traumas sofridos durante graduação. Tal evento biográfico impactou bastante o seu percurso de discente e futura docente. A partir desse relato, podemos perceber o quanto a Universidade, com suas formas rígidas, de caráter racionalista e uniformizante, apresenta-se como um espaço de materialização das mais diversas formas de exclusão. O relato da narradora é muito vivaz, revelando marcas sofridas de sua trajetória acadêmica.

Para Passeggi e Tatyana (2008)

A memória é reconstrutiva por natureza. A verdade que buscamos com a pesquisa não é a narrativa exata de como os fatos realmente aconteceram, mas os fatos como o sujeito da narrativa os significou no momento de sua ocorrência e como os (res) significa no momento da narração em contato com os ouvintes que com ele interagem. (POSSEGGI, TATYANA, 2008, p. 154

Em suas narrativas, Antônia revela que durante seu período na Universidade necessitou negociar, por diversas vezes, com a gestão do município, pois os horários de aula, estágio e trabalho sempre coincidiam. Assim sendo, enquanto a provedora da família não poderia se afastar do seu trabalho para empenhar-se de forma exclusiva nos estudos. Em vários momentos de sua vida Antônia foi a única a manter o sustento dos seus filhos. Antônia expõe que, embora a instituição universitária tenha aberto as portas para as classes populares através da sua universalização, ainda existem questões que precisam ser repensadas no sentido de garantir além do acesso, a permanência dos sujeitos. O que se pode observar no Brasil é que, embora os estudantes dependam do trabalho para garantir sua sobrevivência material, como o caso de Antônia, há os mais variados perfis na relação estudo-trabalho, com repercussões adversas em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Tal como relata Antônia,

O tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos, como na participação em encontros organizados no interior ou fora da universidade, nos trabalhos coletivos com os colegas, nas festas organizadas

pela turma, entre outras circunstâncias. Vários estudantes se sentem à margem de muitas atividades mais diretamente relacionadas ao que se poderia chamar investimentos na formação (ZAGO, 2006, p. 235)

Ao analisar as condições do ser estudante para Antônia, não podemos não podemos negar o quanto tais condições interferem em sua trajetória de mãe, estudante e trabalhadora. Em outro relato ela revela: *“é muito difícil conciliar todas as atividades domésticas, universitárias e de funcionária pública municipal, pois são inúmeras situações que favorecem para o abandono da vida acadêmica diante de outras situações que aqui não foram relatadas”*. De acordo com a narradora, a *múltiplas jornadas*, muitas vezes sem o apoio do cônjuge e da família, favorece a desistência das mulheres na Universidade. Para Gisi (2006, p. 12), a *“permanência na educação superior pressupõe condições preexistentes, em especial, capital cultural que é adquirido ao longo da trajetória de vida e escolar outro.”*

Por outro lado, Touraine (2007, p. 32) salienta que, *“as novas gerações de mulheres estão construindo uma nova representação de si mesmas, passando da consciência de objetos à consciência de sujeitos”*. Sob o mesmo ponto de vista, a narradora relata que os momentos difíceis a transformaram em uma profissional mais dinâmica e participativa, fazendo repensar sua trajetória a partir do alargamento da consciência no que diz respeito aos direitos sociais.

Desse modo, os relatos revelam os anseios e perspectivas da vida de Antônia. Pois, em meio a tantos desafios a mesma continuou conciliando emprego e estudo. De certo modo, entendemos que, *“as histórias aqui narradas foram tecidas com diversos fios que se entrecruzam e se misturam entre si, que se ligam e se confundem, que se unem e se reúnem uns aos outros”* (NÓVOA, 2006 apud POSSEGGI, TATYANA, 2008, p. 182), e nisso reside a sua importância.

Em outros trechos de seu memorial, Antônia reflete sobre os caminhos cruzados na Universidade, as trocas de experiências e o entrelaçamento dos sujeitos que diariamente se cruzam nos muros da UFRB. A estudante, chega a dizer que a graduação é somente um começo, e que pretende cursar a especialização e outros cursos de formação continuada. Pois, acha fundamental a qualificação do educador. Observa-se a persistência de Antônia para continuar estudando, ainda que isso lhe custe muito no âmbito pessoal e profissional.

De certo modo, Antônia mesmo com a *“pressão”* posta entre a permanência e abandono da Universidade, rompe com os desafios de criar parcialmente sozinha os seus filhos, de conciliar trabalho e Universidade, de aprender a realizar sonhos, de permanecer mesmos com os padrões uniformizantes que permeiam o espaço acadêmico. No caso de Antônia, a Universidade possibilitou seu acesso, mas, não ofereceu programas de permanência. A história

de Antônia nos alerta que a discussão sobre as condições de permanência dos estudantes na universidade é urgente e necessária, uma permanência não apenas material. De certo modo, nos releva as contradições do espaço acadêmico no âmbito da inclusão e da exclusão de mulheres, mães, trabalhadoras e estudantes universitárias.

2.3 Ester

“É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber...”
(Zé Ramalho)

Ester tem 35 anos, é mãe, doméstica e trabalhadora autônoma. Começou a cursar a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no ano de 2013, no período letivo referente a 2013.2. Por motivos de várias ordens, comum no caso das mulheres, ela não conseguiu ingressar no Ensino Superior logo após o término do Ensino Médio. Segundo, Henriques (2016):

No que tange à forma de ingresso, percebemos que muitas alunas mães trabalhadoras ingressaram na Educação Superior por meio da certificação do Ensino Médio via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); elas não necessariamente cursaram o Ensino Médio em escolas públicas ou particulares, podem ter apenas obtido a habilitação via ENEM para cursar a Educação Superior (HENRIQUES, 2016, p. 73).

Tal como menciona Henriques (2016), Ester é mãe trabalhadora e ingressou a universidade via ENEM. Em outro relato ela conta que uma das maiores dificuldades que encontrou durante seu percurso na Universidade foi relação as questões de saúde, especificamente por que precisou lidar com as limitações de uma doença grave:

[...] fui acometida por uma doença grave na coluna lombar (extrusão de hérnia discal), a qual me levou a duas cirurgias de risco. Foi um momento muito difícil e delicado...”. Na volta aos estudos fala que “uma das principais dificuldades encontradas foi essa, a de conviver com dores, limitações de locomoção... as quais me impediam inclusive de realizar o estágio da educação infantil (Memorial, Ester, 2018).

A narradora sinaliza que devido às dores fortes da coluna, ela precisou atrasar o seu curso universitário. É nítido que precisamos pensar em uma academia mais humana, que se preocupa com as singularidades de seus estudantes, e possa adaptar-se às suas necessidades. Tendo em vista que, muitos dos estudantes, desamparados, acabam ficando para trás por

motivos de incompreensão e suporte por parte da instituição. Tal como anuncia Grignon e Gruel (1999, p. 2) “a vida dita material não impõe somente limites práticos à atividade estudantil; ela intervém moralmente no conjunto da vida intelectual.

Em consonância com esta realidade, o fato de ser mãe solteira, também, pesou bastante na sua trajetória de estudante universitária. Vejamos:

[...] Ser mãe solteira não é fácil, imagine ser mãe e estudante? Você precisa ser mãe e pai, aliás, muito mais, quando se mora longe da família. Apesar de minha filha ter um super pai, o fato de ele não estar presente no dia a dia dela, acabou me sobrecarregando no que tange às necessidades cotidianas. O que impacta diretamente na minha rotina de estudante (Memorial, Antônia, 2018, p.02)

A rotina narrada por Ester foi um dos desafios encontrados por ela durante o período da universidade. A jornada dupla, tripla, de mãe, trabalhadora e estudante acabaram impactando diretamente o seu processo de formação, configurando como uma sobrecarga cotidiana.

Apesar de todas as dificuldades de ser mãe, estudante e trabalhadora autônoma, reconhece ter tido tempo para se dedicar aos estudos, uma vez que, não trabalha fora de casa. Contudo, cumprir os horários estabelecidos pela Universidade para as aulas tornou-se por muitos anos o seu principal dilema. Isto graças ao fato de ter que buscar sua filha às 19:10h na escola, além disso, precisava dar assistência de mãe, levar em casa e deixar as coisas encaminhadas. Fato este, que só a permitia chegar em sala de aula por volta das 19:30h. Isso a deixava triste, tendo em vista que suas responsabilidades enquanto estudante poderiam ser postas em cheque, ainda que, isso estivesse atrelada especificamente à sua jornada de mãe.

Vejamos seu relato:

[...]eu só conseguia ficar em paz, quando minha filha estivesse em casa e segura. Em alguns momentos, eu precisei pedir a alguns colegas dela e nossas vizinhas, para que lhes dessem carona, pois eu teria que apresentar seminário... e eu não poderia atrasar, isso não era sempre, então eu tinha esse apoio (Memorial, Ester, 2018).

Desse modo, Ester destaca as implicações de sua rotina de mãe na vida acadêmica. É possível que esta realidade, em algum momento, tenha implicado em suas condições de permanência na Universidade. Ester alega que, ocorriam ocasiões nas quais ela necessitava ir a uma reunião de pais, ir a uma viagem de campo e isto a deixava impossibilitada de conciliar seus compromissos acadêmicos e também de mãe. Nestes termos reconhece, “*sei que minhas dificuldades enquanto mãe foram ínfimas, se comparadas a realidade de outras*”.

Por fim, a narradora ressalta um ponto muito importante que deve ser sublinhado, demonstrando conhecimento sobre o papel da mulher na sociedade.

Ao lembrar essa trajetória, 'revivi' todos os momentos. Uma espécie de sentimento muito interessante, aquela de saber que as dificuldades encontradas por nós, mulheres, são históricas e sempre marcadas pela opressão e negação de direitos. A mulher sempre foi vista como 'o sexo frágil', que deveria ser recatada e do lar e a liberdade e o direito de ser, sempre foi dado ao homem (Memorial, Ester, 2018).

Percebe-se então, através do relato de Ester, que as mulheres na sociedade contemporânea, em virtude dos distintos espaços que ocupam, passam por um importante processo de empoderamento. Ao lembrar as dificuldades e desafios do processo de formação, descobrem seu papel social e político na sociedade como agente modificador de sua realidade e de sua comunidade. Para Gisi (2006, p. 12), a “permanência na educação superior pressupõe condições preexistentes, em especial, capital cultural que é adquirido ao longo da trajetória de vida e escolar e que não se adquire de um momento para outro.

De certo modo, no Brasil, a história revela quanto as mulheres foram inferiorizadas, silenciadas e invisibilizadas em seus protagonismos. A mesma história por outro lado, também revela o quanto na verdade as mulheres rompem como o rótulo de “sexo frágil”, assumindo personalidades fortes, face as mais diversas desigualdades existentes que assolam as suas trajetórias de vida, formação e profissão. “Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações” (ZAGO, 2006, p. 235). Nos dizeres de Ester,

[...] a realidade das mulheres, mães e estudantes, precisa ser levada em consideração pelos (as) professores (as), pois nem sempre há disposição de alguns (as) em compreender as inúmeras dificuldades enfrentadas por cada uma delas, (não tive dificuldades quanto a isso, mas tenho consciência que muitas têm) para que possam conciliar a vida pessoal, profissional e acadêmica. Sugiro que essas questões sejam trabalhadas em sala, para que possam promover ações significativas (Memorial, Ester, 2018).

O relato de Ester reafirma a necessidade de se falar sobre o papel da mulher no espaço acadêmico e as dificuldades que ela enfrenta mediante as tentativas de conciliar suas diversas jornadas. Para tanto, observamos na narrativa de Maria, Antônia e Ester, a interação entre os papéis de mães, estudantes e trabalhadoras que condiciona uma identidade complexa (fluída e

dinâmica) para as mulheres deste século. Tal como destaca António Magalhães (2001), identidade essa que pode se refazer e, portanto, alterar-se, modificar-se. E, este poderá ser um processo de dores, crescimentos e empoderamentos.

2.4 Joana

“Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”
(RAUL SEIXAS)

Joana nascida no município de Laje-Bahia, é a terceira filha de uma mulher negra com um homem branco. Filha de pais separados foi criada pelos avós no sítio, sem contato com sua mãe biológica. Impossibilitada de ver sua mãe por condições financeiras, e sem poder entrar em contato, pois não sabiam endereços ou nenhuma outra forma de comunicação que ligasse a ela, sentia-se frustrada por não ter a figura da mãe presente em sua rotina. Somado a isto, a relação que tinha com seu pai foi interrompida, pois, ele havia se casado e mudado para Ilhéus com sua nova esposa, levando seus filhos mais velhos, logo irmãos de Joana.

Na sociedade atual muitas mulheres frequentemente criam e mantêm sozinhas os seus filhos. Visto que a visão soberana que permeia a sociedade sustenta a ideia de que é responsabilidade feminina criar e zelar da sua prole, restando ao homem apenas o sustento financeiro, quando muito. Vale ressaltar que, nos dias atuais vêm havendo significativas mudanças, mulheres e homens têm repensando seus papéis, embora estejamos muito longe do considerado ideal. Há casos, como Joana, que a figura de mãe também lhe faltou, no lugar de uma mãe fica apenas o desejo de saber como seria a vida na presença dela, tudo se agrava quando socialmente aceita, o convênio que diz ser a família composta por pai, mãe e filhos.

É importante perceber que, as interferências familiares de algum modo provocam nos sujeitos marcas, sobretudo na infância, momento no qual as crianças se sentem excluídas ou diferentes das demais por não formar uma composição familiar aceita como “normal”, o fato da escola não trabalhar de jeito adequado este fenômeno, pode fazer emergir na criança algum sentimento de exclusão. Assim sinaliza Joana:

Nesse contexto, inserida no ambiente educacional, as representações de família, que eu observava estava sempre voltada para o padrão nuclear, (pai, mãe e filhos), logo, eu não conseguia compreender como aquela imagem de família apresentada pela escola não se relacionava com a minha experiência familiar. Recordo, que um dos meus maiores desejos na infância era ver minha mãe entrando na escola e poder apresentá-la para todos, porém na realidade, nem sua foto eu tinha, não conhecia simplesmente suas características físicas e afetivas, apesar disso, a escola ignorava essa situação, conseqüentemente gerava em mim, uma certa frustração, então, eu não encontrava significado da escola para minha vida. (Memorial, Joana, 2018).

Através do relato de Joana, podemos inferir que, o contexto escolar pode ser fonte de conservação de muitos preconceitos, e sabemos como estes, volta e meia, reverberam na mente de jovens e crianças, podendo haver implicações em sua trajetória de formação pessoal. Justamente por não se sentirem pertencentes a uma configuração familiar comumente aceita como padrão. Para “fugir” dessa realidade Joana, relata que buscou na brincadeira refúgio:

Ainda rememorando minha infância, vale destacar que a comunidade onde eu morava era rural e os vizinhos mais próximos, em sua maioria, eram parentes, talvez por isso, as crianças tivessem mais possibilidades de estabelecer uma boa interação, deste modo, tive oportunidade de desenvolver diversas brincadeiras culturais e regionais, assim como: cantigas de roda, pula corda, amarelinha, pique esconde, fogueirão, faz de conta, etc. (Memorial, Joana, 2018).

Para Joana, a brincadeira, a contação de história foram meios nos quais ela se “apegou” para transformar as lembranças, de uma infância sem mãe e com a pouca presença do pai, mais divertida e feliz. Nessa ocasião, o brincar foi uma ferramenta essencial para o desenvolvimento social e cognitivo da narradora. Isso, de certa maneira, contribuiu com a relação sujeito e comunidade, criando laços afetivos para além do meio familiar, favorecendo a construção da autonomia e criatividade, desenvolvendo aspectos físicos, culturais, sociais e afetivos.

Um dos acontecimentos também relevante da minha infância, foi ouvir histórias contadas pelo meu avô, nas noites de lua cheia ele costumava sentar-se na varanda para nos contar histórias, algumas assustadoras, como: a do lobisomem, a mulher do padre, o curupira, a caipora, a mula sem cabeça, etc. outras fascinantes como, algumas experiências de sua vida e de seus antepassados. Nesse período também participava de novenários e de rezas na comunidade e, principalmente, na casa de minha avó, já que era devota de Cosme e Damião, pois ela nasceu de “barriga” de gêmeos (Memorial, Joana, 2018).

As tradições familiares são pontos positivos ressaltados por Joana. Os costumes, os hábitos e tradições contribuíram para sua criatividade e imaginação, além de fomentar uma ambientação mística, fundamental para construção da identidade. Joana ressalta que não teve

contato direto com os meios tecnológicos, optando assim, por brincadeiras tradicionais no seu dia a dia. Além, claro, da possibilidade de contato com a tradição de histórias orais contadas por seu avô, que contribuiu para sua identidade e cultural. Segundo Meireles (1979, p. 42) “[...]entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros”. Nestes termos, Joana explicita:

Naquela época, não havia a diversidade de aparelhos tecnológicos que existe hoje, como: computadores, smartphones, tablets, videogames, redes sociais, entre outros. Na minha infância, os únicos aparelhos tecnológicos que tive contato foram a radiola e a televisão de imagem preta e branca, que por sua vez, não ficavam à disposição das crianças, quem tinha o acesso eram apenas os adultos (Memorial, Joana, 2018).

Joana se sente uma criança privilegiada pelas experiências acumuladas no âmbito dos brinquedos e brincadeiras. Viveu em um ambiente natural, na zona rural, em contato com a natureza, pôde brincar livremente e dar evasão a sua criatividade na infância.

Depois de ter se formado no Ensino Médio em 2004 prestou vestibular em 2005 na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, não alcançando um resultado positivo, precisando, portanto, trabalhar em uma loja de tecido como vendedora. Foi nesse período que a mesma conheceu seu companheiro e construiu uma família. Em 2014, foi incentivada a prestar ENEM, no qual teve êxito e começou a cursar Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Decerto modo, ainda que sem ordenar, na trajetória de Joana a Universidade aparece como terceiro plano, atrás do trabalho e do matrimônio.

Queiroz (2013) chama a atenção para o acesso diferenciado de homens e mulheres ao ensino superior, onde estudos mostram que no Brasil as mulheres começam tardiamente a ingressar na universidade. Somente após o final do século XIX, o direito de ingressar no ensino superior é conquistado pelas mulheres brasileiras. Contudo a inserção no ensino superior não resolvem todos os problemas das mulheres contemporâneas, ou contrário, em alguns casos, é a partir desse momento que os desafios se ampliam e intensificam. Conciliar os papéis de mãe, mulher e trabalhadora torna-se uma tarefa desafiante.

Vejamos o narra Joana a esse respeito:

A partir de então, fui desafiada a superar vários desafios, pois não é fácil superar as diversas tarefas que me são atribuídas como mãe e esposa, pois tenho um filho pequeno, trabalho fazendo salgados, bolos e doces e ainda preciso organizar a casa. Muitas vezes pensei em desistir, já que na verdade, eu nem fazia mais planos para minha vida, por exemplo estudar e alcançar uma boa posição (Memorial, Joana, 2018).

Podemos perceber como a rotina de uma mulher do campo, com baixas oportunidades e que tem que lutar por sua sobrevivência, pode ser dura. Joana é uma pessoa criativa, determinada, que soube dar a volta por cima, e superar os obstáculos. Mostrando a força que da mulher trabalhadora e universitária. Infelizmente, essa é uma história que se repete com frequência no cenário acadêmico. E que só aos poucos e com muita luta, força de vontade e determinação das mulheres é possível ser revogado. Afinal de contas, a participação das mulheres na esfera pública não se resume à integração no mercado laboral, mas é também percebida pela maior e mais significativa presença no contexto acadêmico (GUERREIRO E PEREIRA, 2006). O cotidiano passa a ser atravessado por múltiplas jornadas.

Acredita-se que os muitos e diferentes papéis desempenhados pelas mulheres dão lugar a situações não só complexas, mas que também terão diferentes reflexos em diferentes estratos socioculturais. Muito provavelmente, estará relacionada ainda com questões de identidade das próprias mulheres, identidade essa que seria interessante analisar, pois que está se constrói ao longo de todo um complexo processo de socialização e tendo como pano de fundo - o difícil histórico relacionamento entre a maternidade e a emancipação das mulheres [que] moldou as suas lutas pela agência como cidadãs em vários contextos - (LALANDA, 2000, p. 99).

Apesar dos desafios em sua trajetória, da ausência da mãe na sua criação, Joana se apoia nos pontos positivos de sua história que foram importantes para sua constituição pessoal. Nesse sentido, percebemos como foi importante a figura de seus avós, como pessoas-referências, aliado a isto houve possibilidade de brincar, criar brincadeiras, ouvir histórias. Embora os desafios no campo universitário tenham se apresentados, isso a fez perceber a capacidade que tinha de vencer obstáculos e jamais desanimar. Tais desafios, apesar de abalarem sua permanência na Universidade, nunca foram motivos para que a Joana desistisse de continuar trilhando o caminho dos seus sonhos, nesse caso, o caminho dos estudos.

2.5 Rute

“Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará”
(Lulu Santos)

Rute tem 29 anos e é graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. No período da pesquisa de campo, estava cursando o 12º semestre. É professora do município de Amargosa-BA, casada e mãe. Oriunda de zona rural e de família de baixa renda, passou por diversas dificuldades para garantir seus estudos.

Minha infância foi permeada de lutas e sofrimentos, nasci no campo e iniciei minha trajetória escolar nas escolas rurais, a escola era a casa da professora e andava muito até chegar ao local (...) (Memorial, Rute, 2018).

A narradora sinaliza o descaso com a educação do campo e seus sujeitos, sendo aos camponeses oferecidos uma educação hegemônica, que não valoriza a sua realidade e excluindo-os, em certa medida, dos espaços de formação educacional. Tendo em vista que, para frequentar a sala de aula esses sujeitos precisam lidar com um currículo urbanocêntrico, escolas precárias sem uma proposta de educação que os reconheça como protagonistas. Portanto, dada as condições históricas de acesso à educação pelos povos do campo no Brasil, torna-se crucial defender uma educação como projeto educacional e social para os sujeitos do campo, de modo que, valorizem seus modos de vida, sua cultura, suas manifestações e lutas.

A realidade histórica das mulheres do campo demonstra a falta de compromisso dos governos em relação a garantia deste direito. Se ao homem do campo a escola já era uma realidade quase inalcançável, imagina para mulheres, cuja o direito lhes foi assegurado tardiamente. Eventualmente, as mulheres do campo, desde muito cedo, encontram dificuldades de estudar, pois, precisam ajudar na colheita, ajudar nos afazeres domésticos, além de terem que se deslocar e lidar com condições precárias de acesso e permanência.

Vale ressaltar, que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) em seu artigo 53 determina que a criança e adolescente temo direito ao acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Nesse sentido, a narradora mesmo sendo oriunda do campo, teria direito a educação de qualidade na sua localidade. Pois, segundo a Lei, esses direitos também

devem ser assegurados aos sujeitos do campo. Percebe-se então que, muitos sujeitos oriundos do campo, não tem acesso à Universidade, em muitos casos não chegam a concluir a Educação Básica, em função das distâncias materiais e imateriais entre a vida no campo e a escola.

Importante considerar inicialmente que a população do campo historicamente tem sido vítima de preconceitos como ‘gente atrasada’ e ‘rude’”. E para ilustrar destaca-se “o personagem ‘Jeca Tatu’, criado por Monteiro Lobato para indicar o caipira da região rural de São Paulo relegado pelo Estado, foi inculcado no imaginário social brasileiro para se referir ao sujeito do campo como ‘miserável’, ‘pobre’ e ‘desleixado’” (LOCKS; GRAUPE; PEREIRA, 2015, p.148).

O preconceito e o descaso com a educação e o sujeito campesiano, decorre de sociedade que pensa a educação como mercadoria, tem distintos certo, excluindo dessa “roda” a classe trabalhadora. Assim, “A educação rural era predominantemente vista como algo que atendia a uma classe da população que vivia num atraso tecnológico, subordinado, a serviço da população dos centros urbanos” (ROSA; CAETANO, 2008, p. 23). Desse modo, para mudar essa realidade muitos sujeitos do campo procuram oportunidade na zona urbana, como foi o caso de Rute que, aos sete anos precisou sair do campo para residir na cidade, em função da ausência de educação/escola na localidade rural que residia.

Tive uma infância sofrida logo aos sete anos tive que largar minha mãe para estudar na cidade, morando na casa de minha avó e com meu pai trabalhando na cidade até construir nossa primeira casa e conquistamos através de muito suor e saudade, pois só via minha mãe aos sábados e já no domingo tínhamos que ir embora, mas concluir meus estudos e formos morar juntos. (Memorial, Rute, 2018).

Compreende-se através da narrativa de Rute revela as “durezas” da vida no campo. Sem escola e precisando estudar Rute precisou deixar seu lar, junto à sua mãe para morar na cidade. Como ela, milhares de crianças do campo no Brasil, ainda precisam fazer isto, para estudar ou dar prosseguimento aos estudos. Visto que no campo, geralmente, quando há, são escolas com oferta apenas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso demonstra a realidade de exclusão vivenciada pelos povos do campo, indo de encontro a toda uma legislação que garante que o sujeito do campo tenha acesso à Educação Básica, Educação Profissional e Educação Superior.

Em outro momento Rute salienta que após concluir o Ensino Médio em 2005 ficou seis anos sem estudar. Durante esse período “constituiu” família, voltando assim, residir no campo.

Em 2012, decidi prestar vestibular, sendo aprovada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A expansão de acesso ao Ensino Superior no Brasil, em função da interiorização das universidades, bem como “o aumento da presença feminina no ensino superior tem se mantido constante e se refletido no mercado de trabalho, onde há um crescente aumento da mão-de-obra feminina qualificada” (SANTOS, 2015, p. 54).

Para Rute, pesou a condição de gênero em meados da formação universitária. No quarto semestre ela descobre que seria mãe, vivenciando assim, alegrias e desafios dessa jornada.

[...] logo no 4 semestre uma surpresa! Estava grávida de um ser precioso que logo vinha ao mundo, era alegria e ansiedade, dificuldades e medo porque naquele momento eu não sabia como associar tudo aquilo. Logo, meu pequeno príncipe veio ao mundo e fiquei três meses de licença da UFRB e seis meses do trabalho. (Memorial, Rute, 2018).

Desse modo, a narradora sinaliza que simultaneamente a universidade precisou conviver com a jornada tripla de mãe, trabalhadora e estudante. Ela ressalta que durante o período de licença maternidade foi tranquilo lidar com as atividades, todavia, logo após o término desse período surgiram as dificuldades de permanência. Essa realidade vivenciada por Rute nos faz pensar que para as mulheres ainda pairam “dilemas tidos como antigos: estudar ou casar? Trabalhar ou ter filhos? Ser mãe ou mulher? Àquelas que ousam não escolher, àquelas que ousam querer muitas opções ainda é cobrado um preço altíssimo que as expõe a extenuantes cargas horárias de trabalho dentro e fora do lar” (WILLEMANN, 2013, 203).

Vejamos o relato a seguir:

[...] as licenças acabaram e tive que voltar. Agora não era eu, era eu, Iago e as lutas. Pensei em desistir, nada foi fácil, tinha que levar meu filho todos os dias para ficar com minha mãe e de lá ir para a Universidade, pois não podia levar Iago e ele ainda amamentava. Casa, trabalho a noite no EJA, tudo era confuso, às vezes pensava em desistir ‘chutar o pau da barraca’, mas eu tinha que vencer! Cada viagem de campo meu peito sangrava, sangrava leite, saudade da pessoa que mais amo, meu filho. (Memorial, Rute, 2018, p. 01).

Tal como relata Rute Muitas mulheres encontram dificuldades para conciliar trabalho, maternidade e Universidade, devido a suas múltiplas jornadas. Ser mulher, mãe e universitária em plena contemporaneidade nos remete a refletir sobre igualdade, direitos e conquistas. Visto que, o acesso e a permanência de mulheres na universidade se associa às desigualdades de

gênero socialmente construídas. Portanto, nossas reflexões giram em torno do percurso que essas mulheres enfrentam diariamente para conquistar um espaço na sociedade, uma vez que, dentro ou fora do espaço acadêmico a exclusão e o preconceito ainda persistem.

Ainda sobre o período em que esteve na Universidade Rute relata que teve que resistir a muitas dificuldades e lutar para permanecer, pois, não tinha apoio dos professores em se tratado de cumprimento de prazos. Sendo mãe a pouco tempo estava aprendendo a lida com a jornada e organizando suas demandas. Ao final ela desabafa: “[...] *sentí um alívio no peito por saber que esse tempo todo de estudante, de mãe, de mulher moradora do campo, professora, de dona de casa foi contemplada com um diploma*” (Memorial, Rute, 2018).

Nessa perspectiva, notamos que a conquista do diploma possibilitou a Rute a realização de um sonho gerando mudanças em sua realidade. Rute tinha conseguido, enfim, conciliar os afazeres de mãe, as reponsabilidades de estudantes, mantendo o profissionalismo no trabalho.

Ao final de seu relato ela nos conta:

Hoje ainda vivo no campo, sou professora e vivo na luta! Necessito ainda lutar para alcançar uma pós-graduação, mestrado quem sabe. Mas desistir nunca, pois a vida é feita de batalhas e enquanto mulher negra sei que ainda tenho que alcançar novos horizontes. Mostrar a meu filho que a vida é assim: lutar e resistir, pois nada chega a nossas mãos sem cair um pouquinho de suor do rosto! (Memorial, Rute, 2018).

Nesta narrativa, Rute salienta o quanto as mulheres [no seu caso do campo e negra] passam por momentos árduos e lutam diariamente para conquistar o seu espaço na sociedade. A fim de romper com os padrões impostos socialmente, que insistem em dificultar a vida já laboriosa a qual estão inseridas, devido a uma vida quase que traçada, pré-determinada à mulher, fazendo que lutem incansavelmente para conquistar espaços de direito.

Todavia cabe considerar que, vivemos em um momento de supressão de barreiras que impedem a participação das mulheres na sociedade, “contribuindo para assegurar que as diferenças de gênero, socioeconômicas, individuais e culturais não se transformem em desigualdades educacionais, e nem se transformem em desigualdades sociais” (Portal MEC, 2013, p. 01). Reafirmamos, por conseguinte, que “o acesso da mulher à educação regular e o seu ingresso na educação de nível superior são conquistas obtidas através de incansáveis lutas e manifestações” (BEZERRA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos conhecer a trajetória de mulheres mães, trabalhadoras e estudantes universitárias. Para tanto nos orientamos a partir das seguintes questões: *Quais os dilemas encontrados pelas mães, trabalhadoras e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia? De que maneira estas mulheres conseguem conciliar a múltiplas jornadas no período da universidade?* Para responder tais problemas, recorreremos ao trabalho com narrativas através dos memoriais elaborados por cinco estudantes colaboradoras. Estas escritas (auto) biográficas nos ajudaram a compreender a dinâmica das trajetórias das cinco mulheres, revelando suas sinuosidades, inconstâncias e particularidades, em função das exigências que lhes são impostas no âmbito da vida e dos percursos acadêmicos.

Ao logo do texto procuramos dar destaque as histórias dessas mulheres, debulhando os modos singulares como Maria, Antônia, Joana, Ester e Rute construíram suas trajetórias de vida, formação e em certa, medida profissão. Visto que, para elas, estes elementos aparecem bastante associados. É interessante ver que, os caminhos percorridos por cada uma delas, revelam mecanismos particulares para enfrentar o dilema em comum: *permanecer na Universidade, conciliando a múltiplas jornadas de mãe, trabalhadora e estudante.*

O estudo nos ajuda a compreender também a entrada tardia das mulheres na universidade, considerando o contexto brasileiro. Desse modo, vale destacar que, somente no século XXI as mulheres conquistaram o acesso à Universidade de forma mais consolidada, sendo este, uns resultados das mais diversas lutas por igualdade, melhoria salários e liberdade de expressão. Nesse sentido, o espaço acadêmico torna-se crucial para formação crítico-reflexiva e política das mulheres, impulsionando a busca por igualdade de direitos.

Ademais, entendemos que, o acesso das mulheres ao Ensino Superior tem contribuindo para a conquista de melhores condições vida, formação social e política, indo de encontro com uma sociedade desigual e sexista. Chegamos à conclusão que, “os efeitos da implantação de políticas públicas que promovem a inclusão e o acesso à educação têm tido reflexos diretos principalmente na vida educacional e profissional das mulheres” (SANTOS, 2015, p. 53).

Por fim, o estudo revelou fragilidades no que diz respeito a permanência das mulheres na universidade, desdobrando-se na incompreensão dos professores, na ausência de projetos universitários que acolham suas demandas, bem como, na insuficiência de programas institucionais de apoio a permanência, especificamente, para mulheres com múltiplas jornadas.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 12 de fevereiro 2019.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. Oralidades, n.2, p.45-60, jul/dez 2007. BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 225-238.
- ÁVILA, Rebeca Contrera. PORTES, Écio Antônio. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. **Mal-Estar e Sociedade** - Ano II - n. 2 - Barbacena - jun. 2009 - p. 91-106.
- BEZERRA, Nathalia. (2010), “Mulher e Universidade: A Longa e Difícil Luta Contra a Invisibilidade.” **Anais Conferência Internacional sobre os Sete Saberes**. Fortaleza. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.
- BRASIL. Portal. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação**, 2016. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-saomaioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>>. Acesso em: 12 fevereiro. 2019.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.
- CARREIRA, Denise; AZAMIL, Menchu. MOREIRA, Tereza (Orgs). **A Liderança Feminina no Século 21**. 2001. Cortez Editora.
- CATROGA, F. Memória e História . In: PESAVENTO, S. J (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- COSTA, C.B. da. Memórias Compartilhadas: os contadores de histórias. In: COSTA, C. B da ; MAGALHÃES, N, A. **Contar histórias, fazendo história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001. P. 73-84.
- CRENSHAW, Kimberlé (2002). “**Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**”. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-88.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GRIGNON, Claude; GRUEL, Louis. **La vie étudiante**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- HENRIQUES. Cibele da Silva. Mulher, universitária, trabalhadora, negra e mãe: a luta das alunas mães trabalhadoras negras pelo direito à educação superior no Brasil. **Universidade e Sociedade**, ANDES, 2016, p. 68-79.
- JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida

programados na invenção de si. In: SOUZA, E.C., ABRAHÃO, M.H.M.B. (orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre/Salvador, EDIPUCRS/EDUNEB, 2006.

LIMA, Márcia. **Quais são as questões em torno da “raça”?** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 26, n. 77, São Paulo, 2011. Disponível em: . Acesso em: Mar., 2019.

LOCKS, Geraldo Augusto; GRAUPE, Mareli Eliane; PEREIRA, Jisilaine Antunes. **Educação do Campo e direitos humanos: uma conquista, muitos desafios**. Disponível em:<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3654>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MEIRELES, Mariana Martins de. Entrevista narrativa e a hermenêutica de si: fontes de pesquisa (auto)biográfica e perspectivas de análise. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 285-296

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Porto, Porto Editora, 1993.

PORTELLI, A. **Memórias e diálogo: desafios da história oral para ideologia do século XXI**. IN. FERREIRA, M. DE M (Org.). **História oral: desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. (2013), **“Mulheres no Ensino Superior no Brasil.” Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA**. [Tese de Doutorado]. <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0301t.pdf>>. Acesso em 04 set. 2018.

ROSA, Daniela Souza da; CAETANO, Maria Raquel. **Da educação rural à educação do campo: uma trajetória, seus desafios e suas perspectivas**. Disponível em:<http://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/da-educacao-rural-a-educacao-docampo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, Maíra Barbosa. **A participação das mulheres no ensino superior**. Revista três pontos, 2015, 47-59.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: Ética e narrativa biográfica**. Conferência pronunciada no XXV Simpósio Nacional de História – “História e Ética”. Fortaleza, 2009.

WILLEMANN, Estela Martini. **Condições de acesso e permanência das mulheres da periferia ao ensino superior: o caso de Duque de Caxias - RJ** . Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013, 248.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANÁLISE DOS MEMORIAIS

Temática	Narrativa	Síntese da análise	Citação teórica

Fonte: Elaboração do Autora 2019.